

ESPECIAL 143 anos

Histórico

O Mossoroense: 143 anos de história e resistência

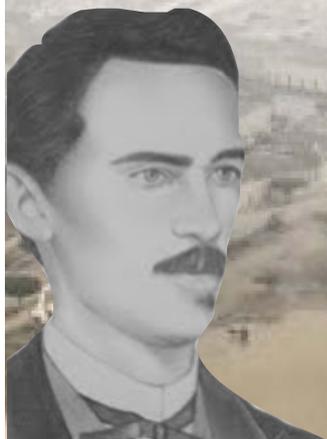
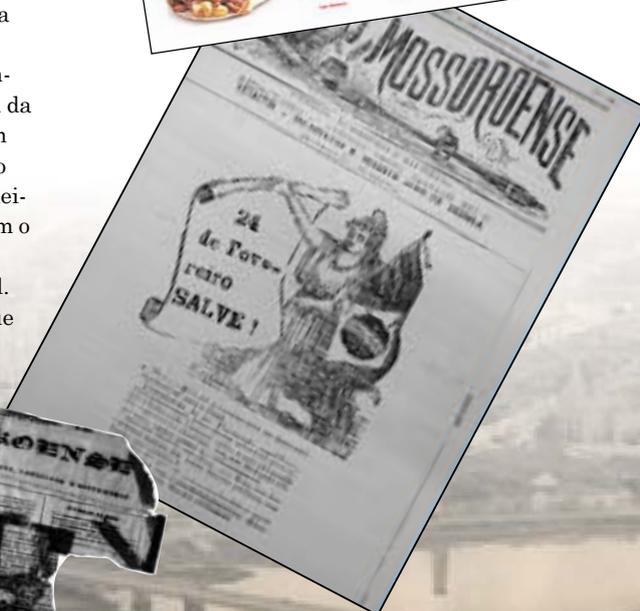
Há exatos 143 anos era publicada a primeira edição do jornal **O Mossoroense**. São quase um século e meio de história, superando dificuldades e se adaptando às novas realidades.

Foram muitas às vezes que o jornal impresso foi “ameaçado de morte”, mas, ele se refez e fez das ameaças aliados para seu desenvolvimento. Hoje, quando o assunto de desaparecimento do jornal escrito volta à tona com mais intensidade, **O Mossoroense** celebra mais um ano de vida provando ao tempo e ao mundo o poder de sua resistência e a importância da sua história.

Naquele 17 de outubro de 1872, **O Mossoroense** nascia como "Semanário, político, comercial, noticioso e literário".

O terceiro jornal mais antigo do Brasil, ainda em circulação, nasceu como periódico de quatro páginas, em resposta ao acirramento político entre liberais e conservadores que existia na cidade.

A eleição de 7 de setembro de 1872 foi o estopim da guerra que fez surgir, em 17 de outubro seguinte, o jornal de Jeremias Nogueira da Rocha, fundado com o objetivo de defender os ideais do Partido Liberal. Começava um projeto que hoje alcança 143 anos.



Começo

Periódico teve 158 edições em sua primeira fase

Problemas financeiros obrigaram Jeremias da Rocha a vender parte das máquinas do jornal

As máquinas e o material tipográfico da primeira fase do **O Mossoroense** foram comprados em Recife. O periódico com linha editorial combativa tinha como redatores José Damião de Souza Mello, um dos chefes liberais, e Ricardo Vieira do Couto.

A linha adotada pelo jornal refletia não apenas o pensamento liberal ou as características da época, mas principalmente a marca do espírito combativo de Jeremias da Rocha Nogueira.

Com várias fases marcantes ao longo de 143 anos, o jornal não teve vida longa em sua primeira fase, encerrada com a publicação

de 158 edições.

Problemas financeiros obrigaram Jeremias a vender as máquinas do jornal ao coronel Antônio Soares Macedo, para impressão de **O Brado Conservador**, em Assú.

O restante dos equipamentos gráficos, com a morte de Jeremias da Rocha, em 1881, foi enterrado por José Damião no quintal de sua casa, na antiga Rua das Flores, hoje Bezerra Mendes. O jornal entrava em seu primeiro grande hiato. Com o resgate dos seus equipamentos de origem seu ressurgimento ocorreria décadas após. Começava uma nova era.



Primeira impressora do jornal **O Mossoroense** compõe acervo de museu

O MOSSOROENSE  R\$ 1,50

Mossoró - RN, 17 de outubro de 2015 - Nº 16.925

SÁBADO

De mãos dadas com o progresso

No mercado desde 1989, a construtora REPAV não poderia deixar de registrar o contentamento pelo aniversário de um parquinho de todas as horas e que, como nós, acredita e aposta no potencial e crescimento da região.

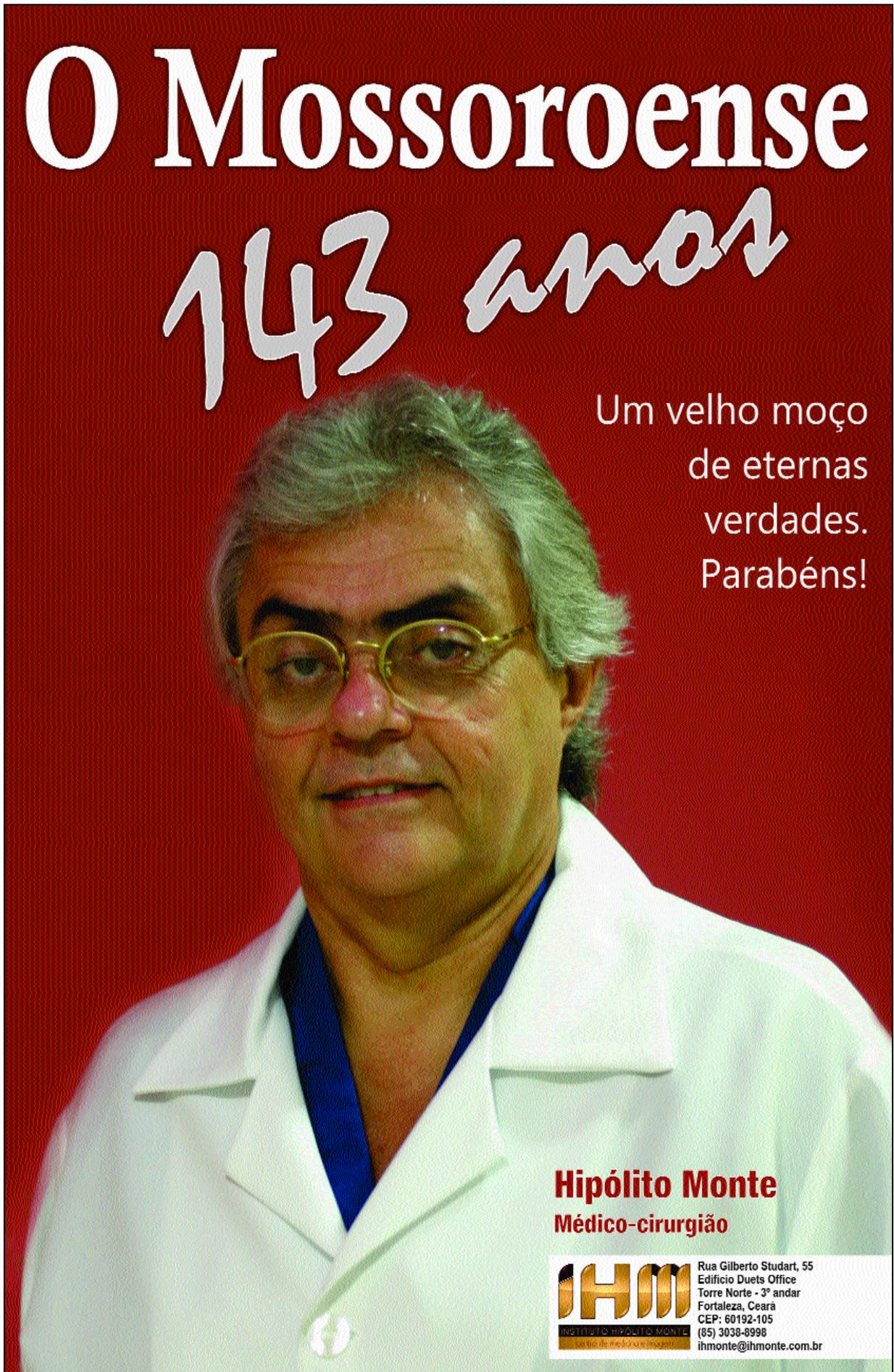
De mãos dadas com "O Mossoroense" e com o progresso, enfatizamos nossos parabéns ao longo do órgão de comunicação, o 3º mais antigo da América Latina.

REPAV
CONSTRUTORA

O Mossoroense

143 anos

Um velho moço
de eternas
verdades.
Parabéns!



Hipólito Monte
Médico-cirurgião



Rua Gilberto Studart, 55
Edifício Duets Office
Torre Norte - 3º andar
Fortaleza, Ceará
CEP: 60192-105
(85) 3038-8998
ihmonte@ihmonte.com.br



Jornal O Mossoroense: 143 anos de relevante prestação de serviços

A mais nova empresa de Mossoró parabeniza o mais antigo órgão de comunicação do RN.



A yellow and blue advertisement banner. On the left, a smiling man and woman are shown. The text 'TODA TINTA' is prominently displayed in black and red, with 'TODAS AS CORES DA VIDA' below it. The phone number '3316.3141' is in large white letters on a blue background. Logos for 'Hidracor', 'Iquine', and 'Coral' are on the right. The Hidracor logo includes the tagline 'A tinta que o Brasil aprovou.'.

TODA TINTA FILIAL – Avenida Alberto Maranhão, 1332 – Bairro Paraíba – Fone – (84) 3316-3141.

Reabertura

Filho de fundador retomou jornal três décadas após fechamento

O jornal passa a ganhar dimensão de empresa e a política partidária deixa de ser mola propulsora do impresso

Em 1901, trinta anos após seu fechamento, tem início a segunda fase de **O Mossoroense**. O jornal ressurgiu como "Periódico humorístico e Ilustrado", sob o comando de João da Escóssia, filho de Jeremias da Rocha, com o apoio dos redatores Antonio Gomes e Alfredo Mello.

Com a morte de João da Escóssia, **O Mossoroense** passa à direção dos jornalistas Augusto da Escóssia e Lauro da Escóssia, netos de Jeremias da Rocha Nogueira e filhos de João da Escóssia.

A reabertura do **O Mossoroense** traz a marca do segundo período da imprensa brasileira, que se iniciou em 1880 e se estendeu até 1910.

O jornal passa a ganhar dimensão de empresa e a política partidária não é mais a mola propulsora do rumo a ser seguido. Não havia a agressividade dos primeiros anos. Cresce a consciên-

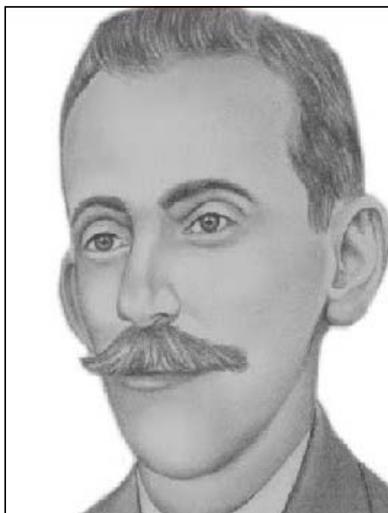
cia de que o objetivo do jornal é a notícia.

Também nesse período foram dados os primeiros passos na área da publicidade. Com a publicação de charges e desenhos, o jornal aparece mais atrativo e leve.

Era o próprio João da Escóssia que esculpia as xilogravuras para ilustrar o jornal fundado por seu pai, algumas delas copiadas ou inspiradas em ilustrações publicadas em revistas do Sul. A circulação do jornal durante a sua segunda fase se estendeu até fins de 1934.

O jornal passa por nova interrupção e volta às ruas após a deposição do governo de Getúlio Vargas, período em que Augusto da Escóssia morre no Rio de Janeiro, aos 50 anos de idade, restando a Lauro da Escóssia a tarefa de continuar com o jornal.

Reaberto em setembro de 1946, sob o co-



João da Escóssia

mando de Lauro da Escóssia, **O Mossoroense** se mostrava mais noticioso. No frontispício nada de trazer o anúncio das cores partidárias que defendia.

Seus redatores eram Jorge Freire, Vingt-un Rosado e José Augusto Rodrigues. Lauro da Escóssia dirigiu o jornal por aproximadamente 30 anos.

Transição

Processo de modernização foi iniciado em 1953

Coube a Lauro da Escóssia iniciar o processo de modernização do jornal, em 1953, com a introdução de uma linotipo, máquina que fundia em blocos cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como as antigas máquinas de

escrever.

Em 1977 o jornal adotou a impressão offset (processo de impressão planográfica que imprime folha a folha, onde os textos no papel são gravados por meio de laser e transferidos a laser para a chapa, sem a necessidade de fotolito intermediário).

A modernização, ouvida para os padrões da época, foi proposta pelo então diretor, jornalista Dorian Jorge Freire. A circulação do jornal nesta fase foi até a década de 1980, mais precisamente até maio de 1984, quando o jornal fechou suas portas aos 112 anos.



Sempre buscando o melhor para Mossoró

Igualmente ao ícone da comunicação local, este jornal **O Mossoroense**, acreditamos que podemos fazer sempre mais e melhor pelo povo de Mossoró e região. É por isso que expressamos nossos parabéns, pelo evento que marca os seus 143 anos de fundação, rogando a Deus que persista em inspirar na mente dos que dirigem esse órgão, os mais altos sentimentos de liberdade e amor pela paz. Felicidades.

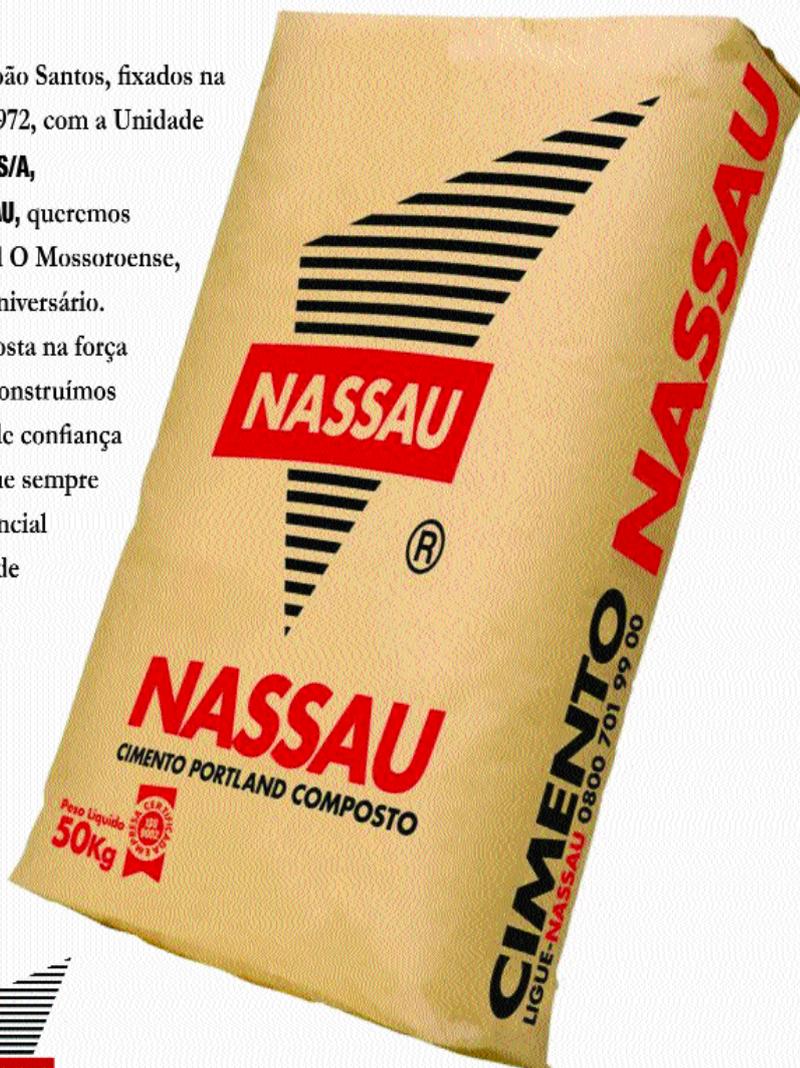
Tomaz Neto

Vereador



Acreditando na força da região

Nós que fazemos o Grupo João Santos, fixados na terra de Santa Luzia desde 1972, com a Unidade **ITAPETINGA AGRO INDUSTRIAL S/A**, fabricante do **CIMENTO NASSAU**, queremos nos congratular com o jornal O Mossoroense, pela passagem do seu 143º aniversário. Um jornal que acredita e aposta na força da região, assim como nós construímos em bases sólidas, a relação de confiança com um povo aguerrido e que sempre cresceu acreditando no potencial dessa terra, palco da liberdade e do progresso. Parabéns!



**CIMENTO
TEM QUE SER
NASSAU**



Sem interrupções

Atual fase de circulação foi iniciada há 30 anos

Jornal ganhou grande impulso na década de 1980 com a compra de computadores PCs e novas impressoras

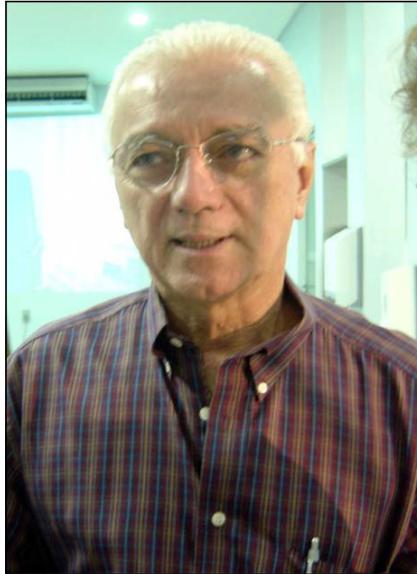
A atual fase de circulação do jornal **O Mossoroense** foi iniciada em 1985 sob o comando do médico Laíre Rosado Filho, que recebeu de presente as ações do primo Rosado Cantídio e fez com que, após a enchente de 1985, o jornal voltasse a circular, desta vez dirigido por Eder Andrade de Medeiros.

A década de 1980 é o ponto culminante da informatização dos jornais brasileiros. Na administração de Eder Medeiros, o diretor-presidente Laíre Rosado comprou, em Recife, o primeiro terminal de vídeo denominado Forma Composer, substituiu as máquinas eletrônicas ET- 125

que haviam substituído as linotipos, nos quais os digitadores compunham as matérias datilografadas na redação.

Além da aquisição do Forma Composer, foi comprada uma segunda impressora offset, modelo ATF Chief 25. O jornal ganhou grande impulso em sua informatização com a compra de computadores PCs e novas impressoras. A partir de 1995, a diagramação e a redação também foram informatizadas.

Na década de 1990, o jornal também passou por uma democratização da linha editorial. Sem perder suas características políticas, **O Mossoroense** ampliou os



Laíre Rosado, diretor-presidente

seus horizontes, abrindo espaços cada vez maiores para pes-

soas de outras correntes de pensamento. A mudança acompa-



Forma Composer agilizou procedimentos



O jornal ganhou grande impulso em sua informatização com a compra de computadores PCs e impressoras a laser.

nhou as transformações que a grande imprensa já sofria desde

1985, com a prática de um jornalismo mais técnico.

Um show de parceria

O mundo artístico em que trabalhamos vê no jornal "O Mossoroense" o parceiro ideal para a promoção de lazer e cultura locais. Embora já residindo na capital, não podemos esquecer de Mossoró nem de seu maior e mais antigo veículo de comunicação, que agora completa 143 anos de existência com a disposição de luta de sempre.

Parabéns Mossoró, parabéns a todos os que fazem

O Mossoroense.

VALMIR MENDONÇA
PROMOÇÕES

Formação

Período marca trajetória de diferentes gerações de jornalistas

O Mossoroense é apontado como escola de jornalismo por parte dos profissionais da área

Nas diferentes fases pelas quais passou nestes 143 anos de história, o jornal **O Mossoroense** foi marcado e marcou a trajetória de importantes profissionais cujas influências não se restringem à comunicação: Lauro da Escóssia, Dorian Jorge Freire, Raimundo Soares de Brito, Vingt-un Rosado e Walter Vanderlei. Além destes, personagens como Antonio Gomes de Arruda Barreto, Martins de Vasconcelos, Tibério Burlamaqui, Jaime Hipólito Dantas contribuíram para reabrir o jornal no início do século XX.

"O Mossoroense é aquele tipo de periódico que carregaremos na alma pelo resto da vida. É minha primeira experiência em impresso e

meu primeiro trabalho em Mossoró, foi onde refiz minha faculdade. Cheguei para cobrir a licença-maternidade de Ana Cadengue, e Cid Augusto me colocou na chefia de edição como se eu já tivesse feito isso. Por muito tempo eu fiquei sem dormir, imaginando que erro eu poderia encontrar na capa no dia seguinte. Não há escola melhor. Também não há preço em ver a capa rodar nas máquinas", conta o jornalista Williams Vicente.

O papel do **O Mossoroense** como escola de jornalismo foi apontado por todos os entrevistados como marcante. Para muitos, a primeira experiência profissional na área de comunicação se deu na redação, onde o

encontro de gerações e a correria pelo fechamento de cada edição fundamentam o amadurecimento pessoal e profissional dos que passam pelo jornal.

"Comecei no jornal **O Mossoroense** em outubro de 2008. Foi a minha primeira experiência profissional depois do curso de Jornalismo. Lembro até hoje da primeira matéria que fiz. Foi sobre os 40 anos da Uern. E lembro de tantas outras... Considero o jornal uma escola de jornalismo. Foi lá que tive as primeiras experiências na rua, conhecendo os problemas das pessoas mais de perto. Aprendi as lições de jornalismo mais valiosas e que carrego comigo até hoje", lembra a jornalista Amanda Melo.



Williams Vicente foi editor-geral d'O Mossoroense



Amanda Melo: estreia marcada por troca de conhecimentos



Reconheço o peso da história e o papel que O Mossoroense alcança no jornalismo impresso do RN e país, obtendo feito raro com tamanha longevidade.

Meus aplausos, oportunidade em que renovo meus compromissos com Mossoró, o RN e o Brasil, através do meu primeiro mandato na Assembleia Legislativa.

Prova disso, é que pela primeira vez na história parlamentar do estado, um deputado destina todas as suas emendas para um único órgão de alcance social em mais de 60 municípios e cerca de 1 milhão de pessoas.

Assegurei R\$ 1,8 milhão para investimento em obras do Hospital Regional Tarcísio Maia (HRTM).

Cada um em seu papel, temos deveres com Mossoró, o RN e o Brasil.

Souza

Deputado Estadual (PHS)



A
DIFERENÇA
— É CLARA —

**SANTA
CLARA**



Clássico

Café torrado e moído
PESO LÍQUIDO 250g

GRAU DE INTENSIDADE
●●●●○

Jornal O Mossoroense, há 143 anos fazendo a diferença.

O café Santa Clara homenageia o **Jornal O Mossoroense** pelo seu **143º aniversário**, consolidando seu papel como um dos maiores e mais antigos veículos de comunicação impressa de Mossoró-RN e da América Latina.

www.cafesantaclara.com.br

 @cafe_santaclara

 /cafesantaclara

Opinião

Jornalistas ressaltam pioneirismo do jornal

Veículo tem histórico marcado por inovações em suas diversas fases de funcionamento

Outra característica ressaltada pelos jornalistas sobre o terceiro jornal mais antigo do Brasil ainda em circulação é a ousadia e pioneirismo. Iniciativas como o primeiro caderno no Rio Grande do Norte dedicado a assuntos empresariais e ainda o fato de **O Mossoroense** ter sido o primeiro jornal da cidade a contar com uma editora chamada a atenção na história de Mossoró e da Comunicação.

"Fui a primeira editora da cidade, há 15 anos no **O Mossoroense**, e gerei uma equipe de 30 pessoas. Isso foi um desafio e uma honra para mim. Trabalhamos com mudanças gráficas, isso numa época em que a tecnologia não era tão avançada quanto hoje e ainda nem havia o curso de Comunicação Social na cidade. Ainda me lembro de mandar as matérias por

fax e ver a montagem do jornal no papel. O pioneirismo do jornal é uma das coisas que mais me encanta, além da liberdade que ele nos dá para ousar", afirma a mestra em comunicação e jornalista Izáira Talita.

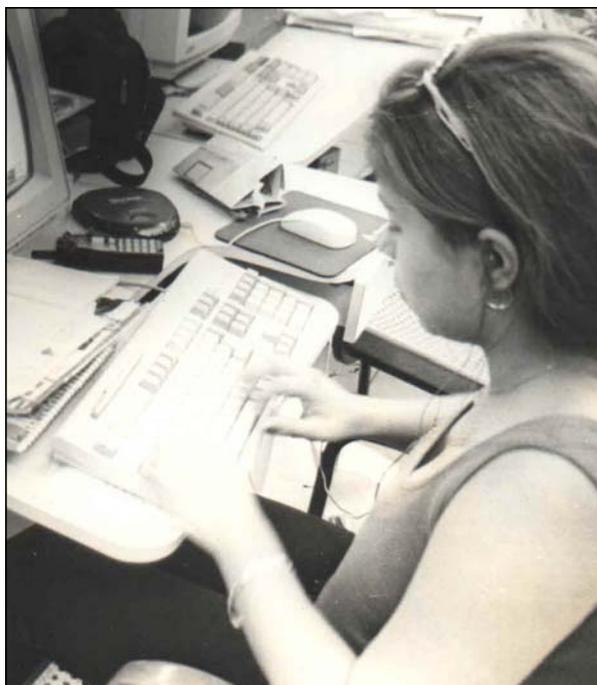
Outra área em que jornal também foi pioneiro é a cultura, fato enfatizado pelo ex-editor do caderno Universo, Emerson Linhares, que ainda foi editor-chefe do jornal. Para ele, as histórias do jornal e de Mossoró se confundem.

"Orgulha-me ter trabalhado no jornal mais antigo da cidade e um dos mais antigos do país. Nasci no ano do 100º aniversário do jornal, onde aprendi muito. Além da minha formação profissional e também como pessoa, **O Mossoroense** contribuiu muito com a história, a cultura e a economia de Mossoró e re-

gião, levando no nome a identidade deste povo guerreiro", disse o jornalista Emerson Linhares.

A jornalista Ana Paula Cadengue relembra que teve duas passagens pelo **O Mossoroense**: a primeira como editora-chefe e a segunda como repórter do portal online do jornal, duas experiências diferentes e com aprendizados distintos.

"A redação funcionava como uma escola, realmente, tínhamos alguns estagiários e fazíamos o trabalho de orientação. Na redação, se aprende muito. **O Mossoroense** é uma trincheira de liberdade e de pioneirismo. Resistir é preciso e o fato de o jornal continuar existindo é importante para a história da cidade, da imprensa brasileira e para a história de muitos jornalistas que, como eu, passaram pela redação", disse.



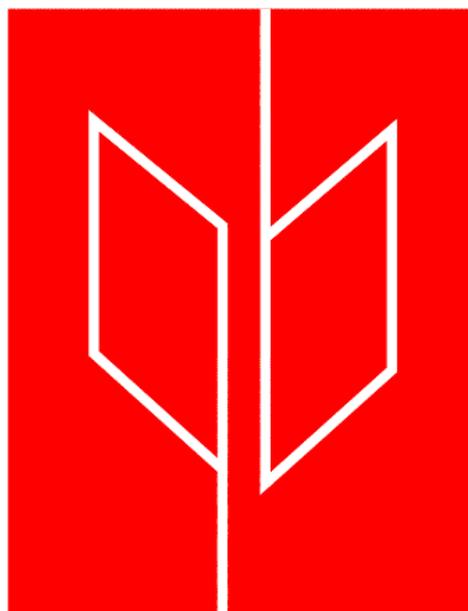
Izáira Talita, primeira editora do jornal

A Pedagogia globalizada

Com o advento da globalização a educação é tida como o maior recurso de que se dispõe para enfrentar a nova estruturação do mundo, cujas ações, de uns, repercutem diretamente na vida dos outros. A chamada "modernidade" dentro deste novo contexto, trouxe a vantagem de dar maior liberdade e autonomia aos indivíduos, mas pouco se fez no que se refere aos antigos critérios da moralidade, a não ser na defesa do Interesse pessoal e imediato. Partindo desse princípio, o Colégio Dom Bosco traz a tradição e a experiência de 76 anos de serviços educacionais prestados a sociedade mossoroense com o compromisso criterioso pela manutenção da própria vida humana, tendo em vista que a sociedade existe para garantir a sobrevivência dos seres humanos e, mais do que isso, uma existência digna com acesso a tudo no qual seja necessário ao seu pleno desenvolvimento. Assim, assegura-lhes educação com qualidade, a partir dos recursos educacionais como:

- Material Didático de Qualidade (Sistema Ético de Ensino da Ed. Saraiva)
- Tecnologias da Informação e Comunicação
- Professores Qualificados (Especialistas, Mestres e Doutores)
- Adaptações com Acessibilidade a todos os indivíduos
- Salas amplas e climatizadas
- Assessoria Pedagógica e Psicopedagógica
- Modalidades Esportivas
- Projetos Pedagógicos voltados ao desenvolvimento de habilidades e competências.

Pra Educar é Preciso ter Dom!



Colégio Dom Bosco

76 ANOS FORMANDO CIDADÃOS

Não há vitória sem lutas e sem méritos

**Ao longo dos seus 143 anos o jornal O Mossoroense
prova que é possível superar obstáculos, encarar
desafios e colher sempre frutos saudáveis.**

**Os seus objetivos são sempre alcançados, pois a
cada batalha a vestimenta da informação com
responsabilidade, a informação verdade.**

**Além do sol, da pesca, das barracas e dos alpendres
o tibuense tem como mania diária a leitura do
mais antigo jornal do Rio Grande do Norte.**

**A nossa saudação ao sempre guerreiro
jornal O Mossoroense.**



TRABALHAR PARA CRESCER

Vanguarda

O Mossoroense comemora 20 anos de jornalismo na internet

Portal do centenário foi o primeiro em Mossoró a disponibilizar conteúdo online

Além dos 143 anos de fundação, este ano o jornal **O Mossoroense** comemora 20 anos de pioneirismo no jornalismo na internet. Em 1995, ano em que também foi criado o primeiro site jornalístico no país, o **Jornal do Brasil**, foi lançado o site do **O Mossoroense**, o primeiro em Mossoró a se aventurar no ambiente digital.

Hoje, este jornal prepara maior investimento no jornalismo digital, com ampliação e dinamização do site www.omossoroense.com.br. No ano do lançamento, o portal contava com média de 100 visitas por dia, o que era um número elevado considerando o menor acesso à internet na época.

Atualmente, o site do jornal é visitado, em média, por 16.000 usuários por dia, que contribuem para 30.000 visualizações diárias das páginas online, o que corresponde um tráfego de quase um milhão de acessos por mês de pessoas que buscam informações.

Desde 29 de abril de



Site do **O Mossoroense** recebe média de 30.000 visualizações de páginas por dia

2011, o site do jornal **O Mossoroense** passou a publicar conteúdo em tempo real, fazendo cobertura de acontecimentos e disponibilizando a informação aos leitores ao longo de todo o dia. No portal, são veiculadas ainda notícias do Brasil e do mundo.

“O site com atualizações em tempo real atende a uma nova demanda por informação. No contexto de hoje, os leitores não esperam para ler as matérias somente no dia seguinte. O portal cumpre essa função mais imediatista sem anular o jornal impresso, que

traz as colunas, os artigos e as reportagens mais aprofundadas, é mais analítico”, afirma o jornalista Regy Carte, que trabalha com o portal do **O Mossoroense** há três anos.

O jornalista conta que, embora diferentes, o jornal impresso e digital se completam. Assim como a versão em papel, o portal do **O Mossoroense** inovou sendo o primeiro em Mossoró a disponibilizar todo o conteúdo em PDF para visualização e download gratuitamente.

“O jornal online é tão vanguardista quanto o im-

presso. As duas versões são convergentes e não divergentes. **O Mossoroense** foi o primeiro jornal fora do polo entre Rio de Janeiro e São Paulo a integrar o grupo de portais do Universo On-Line (Uol), entrando também para a história do jornalismo nacional”, disse Regy Carte.

Outros campos a serem explorados pelo jornal na internet são as redes sociais, através das quais será possível aumentar a interação com os leitores e participação destes na construção das notícias.

Versão On Line é lida em mais de 50 países

A maior parte dos leitores do site do **O Mossoroense**, 96% do total, acessa o portal do Brasil. O segundo maior país em visitas ao site, com 1,98% dos acessos, são os Estados Unidos e, em terceiro lugar, a Índia soma 0,54% do tráfego diário.

O restante dos acessos se distribuiu entre 56 países.

No Brasil, o Rio Grande do Norte representa 65,8% dos leitores do site do **O Mossoroense**, em seguida vem o Ceará com 7,7%. Na terceira posição em volume de acessos está o estado de São Paulo com 5,8%, seguido do Rio de Janeiro com 5%, Minas Gerais com 3% e Pernambuco com 2%.

Embora os computadores e os notebooks se-

jam os mais usados para acessar o site do **O Mossoroense**, com 61,92% do volume de visitas, o percentual de usuários que utilizam o celular para ler o conteúdo do jornal vem crescendo. Atualmente uma média de 33,54% dos leitores utilizam os smartphones para ter acesso ao conteúdo do portal. Já 4,55% das visualizações são feitas através de tablets.



O terceiro mais antigo jornal em circulação do país

Torna-se uma salutar e satisfatória obrigação, a de cumprimentar o 3º mais antigo jornal em circulação do país e, nesse particular, o orgulho de ser potiguar cresce-nos o prestígio dessa companhia tão ilustre. São 143 anos de serviços prestados à democracia, à liberdade e, sobretudo, aos interesses do povo desta terra, e por isso mesmo, apresentamos os nossos mais sinceros parabéns.

JOSÉ ADÉCIO

Deputado Estadual



A CÂMARA MUNICIPAL DE AREIA BRANCA

não poderia deixar de registrar sua solidariedade e seus parabéns a este jovial meio de comunicação, nos seus 143 anos de pura história de informação de primeira e notícia com credibilidade, ressaltando a importância para a região deste que é o 3º jornal mais antigo em circulação no país. Essa a diferença de quem faz história com os olhos voltados para a liberdade de expressão, sobretudo, um dos pilares da democracia. Parabéns, a todos os que fazem **O Mossoroense**.



CÂMARA MUNICIPAL DE AREIA BRANCA

'Considero o jornal um patrimônio da cidade de Mossoró'

Professora universitária fala do estudo sobre O Mossoroense em doutorado e revela seu amor pelo centenário

Graduada em Letras (2003) e Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (2004) pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a professora Márcia de Oliveira Pinto utiliza o jornal **O Mossoroense** no curso Doutorado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Nesta entrevista, fala sobre sua pesquisa e revela seu amor pelo centenário. Especialista em Literatura e Ensino (2004) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Mestra em Literatura e Ensino (2006) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Márcia Pinto é professora Adjunta - DE da Uern, lotada no Campus de Natal. Tem experiência na área de Jornalismo Impresso, Assessoria de Imprensa, Ensino e Literatura. Integra o Grupo de Pesquisa de "Comunicação, Cultura e Sociedade" na Uern e do Grupo de Pesquisa "A crônica brasileira: dilemas, paradoxos e soluções de um gênero moderno" da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).



Professora Márcia de Oliveira Pinto estuda O Mossoroense em doutorado na UFRN

antigo do país (ainda em circulação). Como professora da Uern (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), meus alunos no curso de Comunicação Social me ensinaram muito sobre a história do jornalismo local e essa história me fascinou. Entretanto, em geral os mossoroenses não se dão conta da importância desse jornal. Em suas páginas, há o registro de toda a história dessa cidade e de toda a região e isso não se pode ignorar. Considero o jornal um patrimônio da cidade de Mossoró. E isso não é pouco, é?!

OMOSSOROENSE - Qual o trabalho de pesquisa que a senhora está produzindo, o qual envolve O Mossoroense?

MÁRCIA PINTO - Estou pesquisando o percurso linguístico/discursivo da crônica no jornal **O Mossoroense**. Um mapeamento de como a

crônica aparece no jornal. Há muitas colunas que supomos tratar-se do gênero. Entretanto, não há nenhuma identificação, ao contrário do que ocorre com a maioria dos espaços no jornal. O leitor identifica os espaços destinados à política, ao esporte, à cultura... Mas, a crônica se confunde com outros textos de opinião,

embora o leitor reconheça a crônica quando a lê. Observo essas nuances no gênero.

OM - Como surgiu a ideia desse projeto?

MP - Sou apaixonada pelo universo das letras. A crônica une minhas duas paixões: o jornalismo e a literatura. Desde sempre li crônicas. E pa-

ra fazer um trabalho como esse, de pesquisa, você tem que gostar muito ou acaba desistindo ou apenas cumprindo tabela. Então, optei por pesquisar algo que me dá prazer e que considero relevante. Em sala de aula, observo como a leitura de crônicas é salutar. Ademais, há nos jornais em Mossoró uma produção

significativa desse tipo de texto.

OM - Por que o jornal O Mossoroense foi escolhido como fonte de pesquisa?

MP - Conheci o jornal **O Mossoroense** ainda como aluna na UEPB (Universidade Estadual da Paraíba). Achei incrível ele ser o terceiro jornal mais

OM - E qual período do jornal a sua pesquisa analisa?

MP - Desde o início, 1872, até os dias atuais. Ainda não definimos se vamos fechar em 2000, 2005, 2010 ou 2015. Estou pesquisando tudo! (Continua na próxima página)

O escritor João Pessoa Cavalcante

Parabeniza o jornal O Mossoroense pelos seus 143 anos de existência



Livros publicados

- Pingos de Poesia
- Mensagens da Vida
- Pensando em Poesia
- Meus Poemas Prediletos
- Momentos de Reflexão
- Reflexões Poéticas
- Novas Reflexões Poéticas
- Veredas ao Luar
- Loas ao Vento
- Canção do Homem Interior
- Luzes da Primavera
- Alvoradas dos Sonhos
- Canto Novo
- É Preciso Refletir

Nasceu em Santana do Matos no ano 1944 e ainda garoto fixou residência em Mossoró Formado em Direito pela Universidade do Rio Grande do Norte Membro da Academia Apodiense de Letras Membro da Academia Mossoroense de Letras

'É uma fonte rica para muitas pesquisas'

Docente da Uern ressalta potencial histórico do O Mossoroense e lhe deseja vida longa

CONTINUAÇÃO

OMOSSOROENSE - Poderia revelar alguma peculiaridade das crônicas pesquisadas do jornal no seu projeto de doutorado na UFRN?

MÁRCIA PINTO - Não tenho nenhuma peculiaridade, mas algo que considero relevante é constatar que, mesmo "longe demais das capitais", a crônica no **O Mossoroense** estava em sintonia com o que acontecia nos grandes centros.

OM - Destacaria autores e temas de crônicas no recorte feito no jornal?

MP - Não tenho como responder essa pergunta por que não estou analisando esse aspecto.

OM - Já que estamos falando de crônica, qual

a importância desse gênero para o jornalismo?

MP - Acrônica é o acento lírico, como diz Afrânio Coutinho. Ela nos salva da seriedade dos fatos, do peso dos acontecimentos, da sisudez do jornal. Ela é o espaço livre, é o avesso da notícia, é a notícia comentada, é a reflexão, o humor, a sátira, a confissão, o devaneio... A crônica nos faz respirar no jornal.

OM - Dito isso, a crônica é mais jornalismo do que literatura?

MP - Sinceramente, eu acho que a crônica simplesmente é. Ela corrompe e seduz tanto o jornalismo quanto a literatura. Há muitos estudos apaixonados em busca de uma paternidade para a crônica. Mas ela não se deixa prender. É próprio de sua natureza esse caráter anfibio. É certo que o periódico é seu local de nascimento e, em geral, são os



Márcia Pinto, professora universitária

fatos cotidianos que a alimentam. Mas isso não a

faz menor, nem maior, nem pior, nem melhor.

OM - Qual a importância de um jornal

centenário como O Mossoroense para pesquisas acadêmicas?

MP - Este jornal não pode ser ignorado. Ele traz toda a história da cidade e da região em suas páginas. É uma fonte rica para muitas pesquisas. Lamento a pouca atenção que lhe é dado, especialmente, pelos órgãos públicos que gerenciam o patrimônio cultural da cidade.

OM - Alguma mensagem para os leitores do O Mossoroense no aniversário de 143 anos do jornal?

MP - Mossoró deve se orgulhar desse jornal da mesma forma aguerrida com que defende e mantém viva a história de lutas e resistências da cidade. Vida longa ao **O Mossoroense**! Que não lhe falte nenhum Escóssia para levar essa história adiante. Ao jornal **O Mossoroense**, meus respeito e admiração.

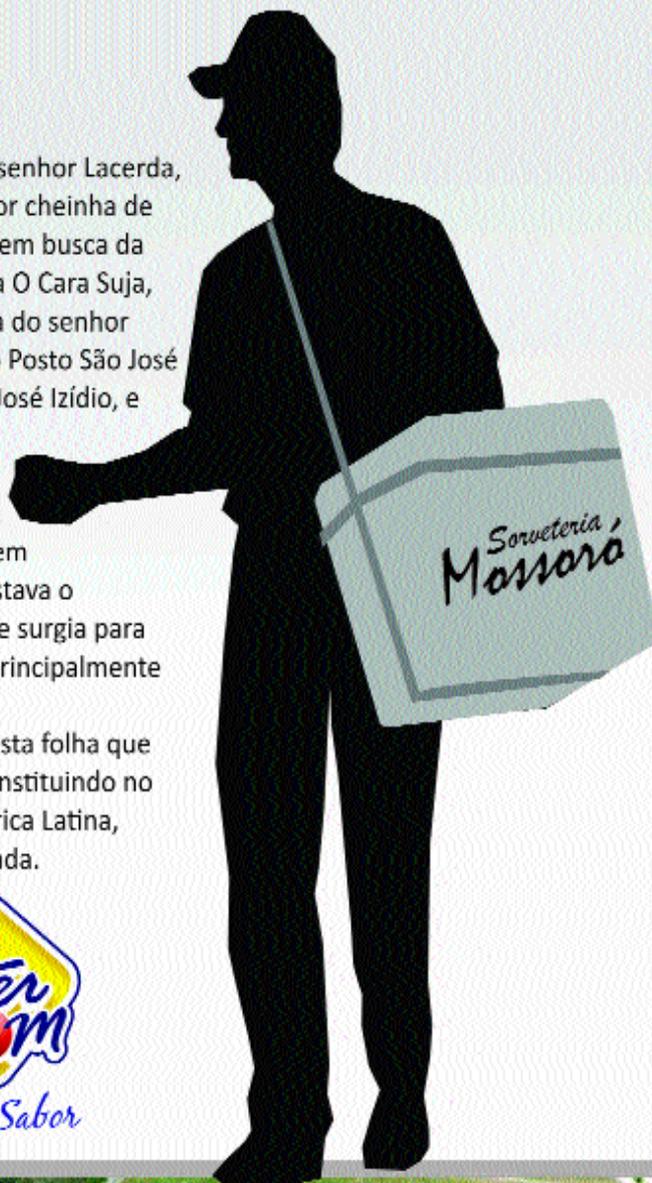
Um século e meio de serviços prestados

O povo mossoroense que represento sente uma grande necessidade de expressar nossos parabéns a este órgão de imprensa que nasceu sob o crivo da liberdade e trabalho, e, desta forma, cumprimenta a todos os que fazem jornal

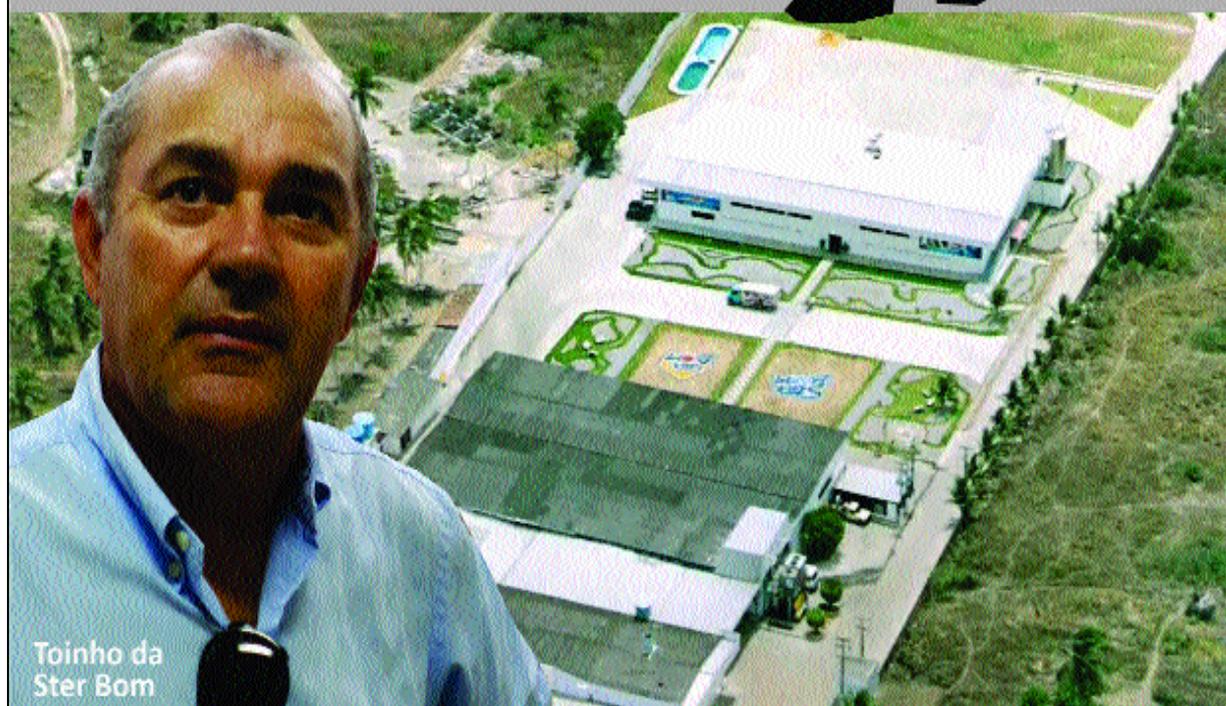
O Mossoroense, na data festiva do seu aniversário de 143 anos de serviços prestados, se situando na condição de um dos três mais antigos jornais desta nação. Parabéns Mossoroenses e aniversário de O Mossoroense.

NACÍZIO SILVA
Vereador

Ano 1972, da Sorveteria Mossoró, do senhor Lacerda, a grata lembrança da primeira caixa de isopor cheia de sorvete e lá seguia um sorveteiro andarilho em busca da sua sobrevivência. Chico Porta Larga, Oficina O Cara Suja, Almeida Ayres, Bar dos Doidos, Posto Olinda do senhor Neuso, os ônibus coletivos do seu Evilásio, o Posto São José e a amizade com o chofer de praça, senhor José Izídio, e por fim a entrada franqueada pelo porteiro Balão no Cine Pax, onde além da venda dos produtos, o direito de assistir de graça o vespéral. Nas paradas para enxugar o suor, em cima de algum birô, de alguma cadeira, lá estava o jornal O Mossoroense, e a oportunidade que surgia para me deixar atualizado com o que acontecia principalmente na cidade abençoada por Santa Luzia. De lá prá cá o crescimento da Ster Bom e desta folha que hoje completa 143 anos de existência, se constituindo no 3º mais antigo jornal em circulação da América Latina, uma indelével marca que jamais será superada.



**PARABÉNS AO JORNAL
O MOSSOROENSE,
SÍMBOLO DE LUTAS
E VITÓRIAS**



Toinho da
Ster Bom

Jornal O Mossoroense em seus 143 anos

Tenho dúvidas de como escrever um pouco sobre esse órgão que completa nesse dia 17 de outubro de 2015, cento e quarenta e três anos de existência de relevantes serviços prestados a Mossoró, ao Estado e, de modo especial, ao país inteiro porque, com certeza, ele faz parte da história da imprensa em todos os quadrantes do território nacional. Faz sim, e com justiça, parte de uma história da imprensa na terra de Santa Luzia que está consignada na sua própria biografia, sob as bênçãos da padroeira da cidade fundada por Antônio de Souza Machado.

Talvez quando o saudoso Jeremias da Rocha Nogueira em 1872 ima-

ginou fundar um órgão de divulgação, não tenha pensado que a semente iria transbordar o tempo e o foi, de sorte que até hoje seu jornal chamado O MOSSOROENSE em homenagem à sua terra natal, venha se distinguindo entre os demais no fiel cumprimento de um dever irrestrito de contribuir com o progresso cultural, literário, artístico, oportunizando a que jornalistas da estirpe do próprio Jeremias da Rocha Nogueira, João da Escóssia, Lauro da Escóssia, seus herdeiros, pioneiros e seguidores de seu feito, continuassem

enfrentando a dificuldade inerente à profissão jornalística transferisse ao novo tempo, dias de hoje, a missão de preservar pa-

ra a história uma obra que em tudo condiz de forma significativa para a vitória de uma sociedade quanto ao desenvolvimento da cultura e da arte do escrever para melhor e n -

grandecê-la. Nesse espírito de forte empreendedor no jornalismo, Lauro da Escóssia que em pouco mais de vinte anos de direção no **O Mossoroense**, chegou muitas vezes a fazer o próprio jornal, sendo repórter, redator, revisor, gráfico, além de diretor, de forma a manter a tradição do jornal que enfrentou os maiores desafios à época das grandes questões religiosas e políticas, sem perder o princípio de sua astúcia como respeitável órgão de divulgação.

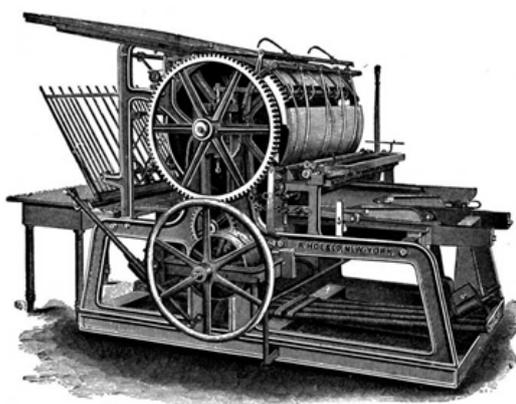
Simplesmente hoje, 17 de outubro de 2015, testemunhamos a eficiente ação desse órgão noticioso, pelo fato de pertencermos a esta

terra com ideal pretençioso, rendemos maior afeição ao seu fundador Jeremias da Rocha Nogueira enaltecendo a todos que contribuíram até os dias atuais em favor de uma nobre causa, assim como marcados do mesmo ideal o faço desde a década de sessenta quando nele convivi ao lado de Lauro da Escóssia, Danilo Escóssia, Lauro da Escóssia Filho, e outros que a história os cobre de regozijo.

O jornal **O Mossoroense**, que brindamos através de sua atual diretoria pelos seus 143 anos, é patrimônio da cidade de Mossoró participe de grandes empreendimentos e se orgulha de tê-lo como filho legítimo.



HISTÓRIA DA GARRA MOSSOROENSE



Há 143 anos que o Rio Grande do Norte aplaude e o nordeste do Brasil acompanha a saga histórica do terceiro jornal mais antigo em circulação no país, o nosso o mossoroense. Tribuna sempre viva das lutas de cidadania e feitos heróicos de uma gente, símbolo da resistência de um povo. É com orgulho que cada filho desta terra, ou que a ela se incorporou, sem distinção de credo, de raça, de categoria social ou ideal político, aplaude esta trincheira nossa de cada dia.

CIFRAO
Factoring
FOMENTO COMERCIAL LTDA.
Av. Dix Sept Rosado, Nº 82 - Centro
PABX: (084) 3316-1188



Lauro e Dorian

Sucedem-se dias, meses, anos e décadas, no dito movimento dialético. Pessoas passam. Máquinas são mudadas. Trocadas. Modernizadas. Linotipos, offsets, computadores. Das xilogravuras às modernas diagramações.

A tinta, ou seu cheiro, deambula e impregna na alma do papel ou de quem, por ventura, passar-lhe a vista. Ideias defendidas, contestadas, combatidas e ressaltadas pairam no ar por séculos, seculorum, amém. Escafandristas mergulham em mares de papéis, arquivos físicos ou virtuais, resgatando notinhas, reportagens e fotos de antigos

sucessos e insucessos.

143 anos! Como (re)contar essa história? Enxurradas de pingos de tinta e de suor. Falar em todos os nomes seria hercúlea empreitada. Pesquisa colossal. Escrutinar um sugere tarefa delicada, custeando-se o alambrado das injustiças. Todavia, pior é não fazê-lo. Malfazeja seria a omissão de não gravar, em suas próprias páginas, protagonistas de tão exitosa jornada.

Na dúvida da seleção, marco duplo: Lauro e Dorian. "Mas são dois nomes sempre comentados, quando o assunto é **O Mossoroense**", dirão. Ora, bolas, filio-me a Oscar Wilde quando leciona

que, mesmo coisas que já foram ditas, carecem de repetição.

Dorian, no prefácio do livro de Lauro, Memórias de um Jornalista de Província, com o seu extraordinário poder de síntese, diz: "Em quaisquer mãos que esteja, hoje ou amanhã, **O Mossoroense** será sempre a Casa de Lauro da Escóssia". Epítome frasal digna de frontispício.

No mesmo texto, Dorian consegue superar ao descrever a rotina, immortalizando nomes com sua inconfundível pena: "Velhos e saudosos companheiros de meus começos de sonho. Quincão, Massilon, Surica, Tinheiro, Lauro e Danilo,

Fernando Couto, Cizinho, Vicente e Vicentinho, Chico e Zé Abel. Quincão jogava com o pé, certo, bolotas de papel molhado e raramente errava o alvo. Zé Abel cantava músicas de Dick Farney, mentia ou dizia imoralidades. Lauro velho o prendia incentivador:

- Deixe de ser imoral, seu fela da puta!"

Lauro da Escóssia e Dorian Jorge Freire. As convergências suplantam, em muito, as dissensões dos caminhos percorridos na saga do jornalismo. Para ambos, **O Mossoroense** foi universidade, laboratório, porto-seguro. Lauro nunca quis arredar o pé do jornal familiar. Até em

momentos de ameaças, permaneceu irredutível. Cidadela, enfim.

Dorian andejou pelo Sul Maravilha. Fez-se respeitar pelos periódicos de lá, deixando marcas de resistência em momentos de escuridão democrática. E voltou ao seu "carritó". Do reencontro com Mossoró e com o jornal, brotaram páginas dignas de releituras. Leiam-se Os Dias de Domingo e Veredas do Meu Caminho.

Bem menos do que desejei, convivi com ambos. No Abel Coelho, colégio onde fiz o ensino secundário, Lauro da Escóssia foi homenageado, nominando a Biblioteca. E, nesse período, por lá

gostava de passar algumas horas, suportando nossas bobas perguntas. Amparado na bengala, ria o riso dos sábios, hoje consigo deduzir.

Com Dorian, algumas conversas em sua casa. Afoito, pedi um texto para orelhas do meu Ombudsman Mossoroense. Creme dos cremes. Orgulho de quem recebe uma chancela desproporcionalmente superior ao livro.

Drummond, no belo poema "Resíduo", predica: de tudo fica um pouco. E fica mesmo. No caso de Lauro e Dorian, ficou muito deles n'**O Mossoroense**. Para nosso júbilo: do jornal e de Mossoró. Assim seja.

143 ANOS

Contando a história de Mossoró e do Rio Grande do Norte

O Vereador Lucílio Guilherme, embora no seu primeiro mandato, se sensibiliza com tudo que faz história e representa a voz do povo, e por isso, nossos parabéns ao O Mossoroense pelos seus 143 anos de bons serviços prestados ao povo de Mossoró e região, esse que se coloca entre os três mais antigos jornais escritos em circulação no país. Credibilidade na notícia e certeza na informação.

LUCÍLIO GUILHERME
Vereador



INVESTIMENTO É A NOSSA ENERGIA PARA O DESENVOLVIMENTO



Até o final de 2015, a Cosern terá investido R\$ 198 milhões no sistema elétrico do estado do Rio Grande do Norte.

A Cosern acredita que a distribuição de uma energia de qualidade é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico do Rio Grande do Norte. Por isso, até o final deste ano, terá investido R\$ 198 milhões no reforço, melhoria, modernização e expansão do sistema elétrico do estado.

Mossoró e região Oeste potiguar recebem R\$ 64 milhões, com destaque para a construção de três linhas de distribuição de alta tensão (69 kV), interligando a Subestação Mossoró II (Chesf) às Subestações de Baraúna, Dix-Sept Rosado e fábrica Mizu, em Baraúna e a construção de novos alimentadores de média tensão (13.8 kV) nas Subestações Mossoró I e Mossoró III, que possibilitarão um fornecimento de energia elétrica com maior confiabilidade, beneficiando mais de 50% dos municípios da região Oeste Potiguar; além da construção de uma nova Subestação no município de Campo Grande, proporcionando uma melhoria na qualidade da energia para os consumidores de Campo Grande, Parauá, Triunfo Potiguar, Janduis e municípios circunvizinhos.

É a Cosern investindo na melhoria do fornecimento de energia do estado e na qualidade de vida dos norte-rio-grandenses.



A bola chegou primeiro

"Em nossa cidade, não foi diferente. A exemplo do que já ocorrera em outras cidades, a bola chegou primeiro. Coube ao estudante José Fernandes de Queiroz, no ano de 1917, a primazia de trazer essa bola, que passou logo a ser cortejada por jovens mossoroenses reunidos na Comissão Regional de Esportes de Mossoró, sob o comando do Sr. Enéas Reis.

Depois dos primeiros contatos com a bola, foi realizada uma partida entre equipes denominadas "A" e "B" e que teve a arbitragem do professor Eliseu Viana. O prêmio aconteceu no dia 23 de dezembro de 1917, na praça do Museu de Mossoró. Um fato que merece registro nesse jogo histórico mostra Eliseu Viana segurando as regras do jogo numa das mãos e o apito na outra.

Segundo o professor Manoel Leonardo Nogueira, no seu Esboço Histórico do Futebol Mossoroense, publicado na Coleção Mossoroense em 1981, teria sido o Sr. Antônio Fernandes Brasil a primeira pessoa a abordar o tema futebol em Mossoró, numa reunião da Sociedade União Caixeiral, que propu-

na a organização de quadro esportivo, cuja prática serviria para aproximar mais os associados. Colocada em votação, a proposta foi rejeitada e o assunto caiu no esquecimento.

Outro esforço para implantar o futebol em Mossoró surgiu ao tempo da Comissão Brito Amorim de Obras Contra a Seca, capitaneado por Bonifácio Costa, Dr. Virgílio Catanhêde e José Fernandes de Queiroz. A ideia prosperou e aos três pioneiros somaram esforços Enéas Almeida, Joaquim Tuiuty, Ary e Dagoberto Gonçalves, egressos do Fluminense do Rio de Janeiro.

Foram eles que organizaram o primeiro quadro de futebol em Mossoró, cujo treinamento inicial consistia em ver quem dava o maior chute com a bola.

Sob o comando do professor Eliseu Viana, a Comissão Regional de Esportes de Mossoró teve uma importância enorme na difusão do futebol na sua chegada a Mossoró. Participavam da mesma, figuras como Solon Aranha, Lauro da Escóssia, José Morais Júnior, José da Mota Bandeira, Antônio Freire, Jayme Guimarães, Raimundo

Gondim, Jorge Pinot, Odílio Bandeira, João Batista de Oliveira, Luiz Pinto, Cristóvão Noronha, Bidoca, os irmãos Sérgio e Pedro Ciarlini, Otoni Soares, Francisco Duarte Filho, Costinha, José Leite da Costa, Deusdedit Couto, Xixico Matos, José Domicio, José Francisco Nogueira, Duodécimo Rosado, Amauri Matos, João da Mata Reginaldo, Lucylo Wanderley, Augusto Matos, João Isaías Oliveira, João Minho de Oliveira, Jansen e Francisco Nogueira do Couto, Agnaldo Ferreira, Alfredo Pinto, José Gurgel, Alvaro Bandeira, José Antônio e Viriato Silva (o mais jovem de todos).

O primeiro jogo que se tem notícia foi disputado pelos times "Branco" e "Negro" e teria ocorrido em 20 de agosto de 1918. O árbitro foi o Sr. Enéas Almeida. A vitória coube ao time "Branco" que formou com: J. Reginaldo, Chiquito e S. Mota; Pedrino, Duó e Otini; Cristóvão, Alfredo, Sérgio, Mirabeau e Jansen. O time "Negro" formou com: J. Antônio, Gondim e Wanderley; Morais e Alves e F. Mota; Luiz, Jayme, Deusdedit, Jorge e

Xixico. O placar terminou apontando a vitória do time "Branco" por 2 x 0 e o primeiro gol (portanto, gol histórico) foi marcado por Sérgio Ciarlini.

O Humaitá Futebol Clube foi o primeiro time oficialmente fundado em 14 de outubro de 1919 e tinha como presidente o padre Manoel da Costa e sua primeira formação contou com: Gondim, Toni e Bitu; Carpentier, Zé Mota e Manoel Luz; Bidoca, Alfredo, Lauro, Villar e Luiz Pinto.

Depois foi a vez do Ypiranga (12 de setembro de 1920) e logo em seguida do Centro Esportivo Mossoroense (21 de novembro de 1920). Em seguida surgiram o Palmeiras Futebol Clube, Santa Cruz Futebol Clube (ambos em 1920) e do Mossoró Esporte Clube (15 de março de 1922).

A primeira entidade criada para administrar o futebol mossoroense foi a Associação Mossoroense de Esportes Atlético (AMEA), fundada em 14 de outubro de 1919 e teve como primeiro presidente o Sr. Virgílio Catanhêde, engenheiro e gerente da agência local do Banco do Brasil S.A. Em 1935 a entida-

de passou a ser denominada de Liga Desportiva Mossoroense (LDM) e perdura até os dias atuais.

Vários clubes passaram pelo futebol de Mossoró com destaque especial para o Ferroviário Esporte Clube (28 de novembro de 1947), o Salinista Futebol Clube (1950), Pleno, Cid, Estadual, Palmeiras de Baraúnas, Gesso, Flamengo dos Pintos e Fluminense da Lagoa do Mato.

No entanto foi com a chegada da dupla POTIBA, que o futebol mossoroense ganhou mais projeção e entrou na era do profissionalismo. O Potiguar (Associação Cultural e Desportiva Potiguar) foi fundado no dia 11 de fevereiro de 1945, fruto da fusão do Esporte Clube Potiguar e a Sociedade Desportiva de Mossoró. Já o Baraúnas (Associação Cultural Esporte Clube Baraúnas) foi fundado em 14 de janeiro de 1960.

Ainda hoje são nossos maiores representantes e também as maiores torcidas. O Potiguar já conquistou dois títulos estaduais e o Baraúnas apenas um. Representaram a cidade em competições nacionais obtendo bons resultados.

Mossoró sempre foi um celeiro de craques, com destaque especial para Saruê (segundo os mais antigos, o melhor de todos), Dr. Zé Leão, Dequinha, Nonato (meia), Nonato (ala), Romildo, Antônio Dantas, Nivaldo, Valeriano, Bira, René, Cícero Ramalho e tantos outros.

Tem no estádio Professor Leonardo Nogueira (fundado em 4 de junho de 1967) a sua principal praça esportiva, hoje combalida e ameaçada pelo desca-

so. A proximidade do centenário da chegada do futebol em Mossoró merece uma reflexão especial por parte de todos nós. O seu crescimento foi tolhido pela inoperância dos dirigentes e pelo desrespeito para com a juventude da terra. Falta política pública voltada para o esporte e lazer e a juventude vive a inquietude da falta de perspectiva.

Precisamos revitalizar o nosso futebol, antes que seja muito tarde. Afinal de contas, o que temos para comemorar? - A saudade de um passado distante ou a agonia atual que vivemos a cada início de temporada?"

Parabéns pelos 143 anos do jornal O Mossoroense

Estando no mercado desde 1963, e em nome da seriedade de Juarez Fernandes, criador dos filhos e da empresa que mais ilumina Mossoró, não poderíamos ficar de fora das homenagens a tão importante parceiro. Assim como nós iluminamos, esse jornal informa e forma opiniões através da seriedade do trabalho dos que vêm na sua direção, ao longo do tempo.



A ILUMINADORA

DESDE 1963 ILUMINANDO NOSSOS CAMINHOS

Integração

Parceria com a cultura norte-rio-grandense desde o primeiro número

Caderno de cultura do jornal é responsável pela estreia de vários autores potiguares

“

Dissera Deus, ao Sol: Surge, alumia!

E iluminou-se o Val, o monte, o albergue

O fruto, a flor, as palmas.

Mas do espírito à luz chegara o dia,

O seu fiat, enfim, diz Gutenberg,

E fez-se o sol das almas.

”

Assim, poeticamente já no seu primeiro número, chegava às ruas de Mossoró, aos 17 de outubro de 1872, o “semanário, político, comercial, noticioso e literário” jornal “Mossoroense”, isto mesmo, sem o “O” ao qual estamos habituados a ler.

Os versos, assinados por T. Ribeiro, dando boas-vindas ao periódico, já prenunciavam o seu propósito de ser uma espécie de disseminador de ideias e incentivador da cultura local, no entanto, talvez o seu autor, não imaginasse que o mesmo chegaria a mais de uma centena de anos, cumprindo ainda os objetivos iniciais.

Combativo, o “Mossoroense” trazia muitos textos resguardados sob pseudônimos, o que dificulta até hoje a identificação re-

al de suas autorias.

A coluna Mofina era um espaço dedicado à publicação de poemas e era assinada por autores diversificados e fez parte da primeira fase do jornal (1872-1876). Sua última aparição consta na edição de número 31 do jornal, com o título de “Mofina Interrogativa”.

Hoje, celebrando 143 anos de circulação, não temos notícias no Brasil, de que exista um jornal como **O Mossoroense**, com uma página semanal dedicada exclusivamente à poesia.

A instituição POEMA – Poetas e Prosadores de Mossoró, criada em 1997, foi responsável por uma revolução na poesia local. Foi a partir do encontro de poetas colaboradores da página de poesia do então “Caderno 2”, atualmente “Univer-

so”, que começaram a surgir em Mossoró os primeiros recitais naquela época, agregando cada vez mais autores e culminando com o nascimento da instituição.

Da fase inicial, destacaram-se nomes como José Damiano de Souza Mello, que assinava sob o pseudônimo de “O Velho da Montanha”, Martins de Vasconcelos, Alípio Bandeira, Tibério Burlamaqui e Henrique Castriciano, irmão da poetisa Auta de Souza e do escritor e senador Eloy de Souza.

Nomes atualmente conhecidos no cenário poético local tiveram seus primeiros poemas publicados a partir do **O Mossoroense**: Marcos Ferreira, Genildo Costa, Rogério Dias e Airtton Cilon, que a partir do jornal, encorajaram-se e partiram para a publicação em livro.



Ângela Gurgel iniciou publicações nas páginas d' **O Mossoroense**

Reconhecimento

Poetas destacam importância do jornal **O Mossoroense**

Vencedora de concursos literários, destaque na poesia e na crônica local, Ângela Gurgel é uma das autoras mossoroenses que tiveram seus primeiros escritos no jornal **O Mossoroense**.

Atualmente com dois livros publicados, Ângela comentou a iniciativa do jornal: “O caderno Universo, do jornal **O Mossoroense**, é o espaço dos novos autores, das revelações, dos anônimos. Aqui publiquei meus primeiros poemas e através deles fui apresentada a um universo literário nunca sonhado, mas secretamente desejado. Parabéns pelos 143 anos de história e abertura para que outras histórias sejam construídas”.

A poetisa Ariany do Vale também teve seus primeiros versos publica-

dos no caderno Universo e também comentou este trabalho de divulgação da cultura local e parabenizou o jornal.

“Na sociedade atual onde lemos tantas notícias sobre morte e desigualdade, virar a página e encontrar poesia é como ser salvo do caos. Acredito que, além de informar, o jornal é um meio de comunicação que também deve trazer cultura. O jornal **O Mossoroense** faz isso e melhor, traz a cultura dos seus conterrâneos, dá oportunidade aos novos poetas publicando suas poesias. Como diria o grande poeta, Fernando Pessoa: “Só a arte salva”. Parabéns, a todos que fazem **O Mossoroense** pelos 143 anos de contribuição à cidade e obrigada sempre pela oportunidade”.

Valorizando AS CORES DO nordeste.

aspecto ESPINHOSO
SEM UM POUCO o **destemerece**
POUCO **carrega** NO INTERIOR
 a **água** QUE O **enobrece**



UNIGRÁFICA
 A GRÁFICA DA GENTE
 84 3272.2751
ORÇAMENTO@UNIGRAFICANATAL.COM.BR



CULTURA E LAZER caminhando juntos

O Hotel Thermas de Mossoró, complexo de lazer, turismo e cultura, não poderia deixar de homenagear o jornal "O Mossoroense" pelas suas 143 primaveras. Esse é um dos itens que nos encorajaram a nos fixarmos nessa região, a coragem e a persistência de um veículo de comunicação desse porte – o 3º mais antigo do país.

Que o ideal de liberdade prossiga animando os que fazem desse jornal uma bandeira, uma marca e um fenômeno de persistência e fé.

Parabéns, Mossoró e região, por contarem com órgão de imprensa tão dedicado e comprometido com sua gente.



thermas
HOTEL & RESORT

www.hotelthermas.com.br

Inovador

O Mossoroense foi pioneiro em impressão de gravuras no Nordeste por meio da xilogravura de João da Escóssia

Jornalista utilizou o método de ilustração antes mesmo do seu uso pelos cordelistas nordestinos

Em 1901 o jornalista João da Escóssia, filho do criador do fundador do jornal O Mossoroense, então fechado àquela época, criou O Echo, um periódico "Humorístico e ilustrado". No ano seguinte traria de volta a ideia do seu pai, começava então a segunda fase deste jornal.

A novidade era então, o uso da xilogravura como ilustrações para matérias e publicidade, um feito inédito até então, até pelos cordelistas, que fizeram daquele tipo de expediente uma característica para seus folhetos no Nordeste brasileiro.

O pesquisador José de Ribamar Lopes mencionou no seu livro "Literatura de Cordel", publicada em 1994 pelo Banco do Nordeste do Brasil, o trabalho do jornalista e xilogravurista mosso-

roense: "Qualquer esforço sério de pesquisa não pode ignorar que na primeira década deste século, quando os primeiros romances em versos eram editados sistematicamente sem ilustrações, por Leandro Gomes de Barros, um jornal do interior do Rio Grande do Norte, O Mossoroense, já utilizava a xilogravura para destacar as notícias, a publicidade ou os artigos assinados mais importantes de sua edição. As gravuras publicadas rotineiramente em O Mossoroense, um dos três mais antigos jornais em circulação no Brasil, eram talhadas pelo próprio diretor e proprietário, João da Escóssia, que se dedicou a esse trabalho no período que vai de 1902 até sua morte, no ano de 1919."

Pesquisadores de di-



versas áreas como xilogravura, jornalismo e publicidade no Rio Grande do Norte apontam o pioneirismo de João da Escóssia entre os anos de 1902 e 1906.

João da Escóssia é o terceiro filho de Jeremias da Rocha Nogueira e Izabel Benigna da Cunha Viana

e nasceu em 27 de maio de 1873, sete meses após a criação do jornal O Mossoroense. A ele são atribuídas profissões como foi jornalista, xilógrafo, charginista, caricaturista, tipógrafo, artista plástico, desenhista e cenarista de teatro. Faleceu aos 14 de dezembro de 1919.



Estandarte da liberdade e da informação do povo dessa terra

A Associação Comercial e Industrial de Mossoró - ACIM -, sente-se honrada pela oportunidade de comemorar com toda a população da região os 143 anos de fundação deste grande estandarte da liberdade e da informação do povo dessa terra. Prova da sua bravura e empenho é figurar entre os três mais antigos jornais do Brasil. Assim não podemos deixar de registrar o aniversário do "O Mossoroense".

ACIM 
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE MOSSORÓ



Importância

História do O Mossoroense está relacionada diretamente com a História de Mossoró

Periódico é um grande colaborador na divulgação das notícias policiais locais, regionais e estaduais

Durante seus 143 anos de existência, o jornal **O Mossoroense** está diretamente ligado com a História do município e região Oeste potiguar. Pelo menos é o que historiadores, geógrafos, populares e autoridades pensam e relatam em entrevistas exclusivas para essa edição especial.

O geógrafo Francisco Roberto de Lima, formado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), que defendeu recentemente um trabalho de conclusão de curso, baseado na história de Mossoró e sua evolução ao longo dos tempos, destaca que sua maior fonte de informação foram os arquivos do jornal **O Mossoroense**.

“Não dá para falar em evolução histórica de Mossoró sem mencionar o jornal **O Mossoroense**.

Até mesmo porque não existem relatos literários locais em Mossoró, antes do surgimento do jornal. Foi o jornal que abriu fronteira de pesquisa para muitos historiadores, pesquisadores e literários, incluindo aí nesse último, os poetas mossoroenses”, destacou Francisco Roberto.

Durante sua pesquisa, o professor detectou que as notícias veiculadas no **O Mossoroense** eram uma espécie de certificação social para a população e entidades, de uma forma geral. “O que era publicado neste jornal nos primórdios do século passado, soava de uma credibilidade tamanha, que muitas vezes ninguém ousava questionar se não tivesse muita segurança”, relatou.

O vigilante aposentado Sandoval de Oliveira



Mossoró no passado e no presente está associado ao jornal **O Mossoroense**

Sales, que durante muitos anos trabalhou em empresas de Mossoró, acompanha a evolução do jornal desde o final dos anos 1950, quando ainda menino veio com os pais e a família de uma cidade do interior da Paraíba em busca de trabalho e melhoria de vida.

“Desde que cheguei a Mossoró, em 1958, que me tornei admirador e leitor

do jornal **O Mossoroense**. Durante anos o jornal foi a minha companhia noturna. Não podia faltar no meu material de trabalho uma edição do **O Mossoroense**, para que eu lesse durante a noite. Além de me manter informado do noticiário, me ajudava a ficar acordado. Mesmo depois que me aposentei não deixei de acompanhar o noticiário através do jornal”, explicou.

Para o delegado Denys Carvalho da Ponte, titular da Delegacia Regional de Polícia Civil de Mossoró, que há 15 anos reside em Mossoró, o jornal **O Mossoroense**, além de ser um grande colaborador na divulgação das notícias policiais locais, regionais e estaduais, sempre foi sua base de informação, mesmo quando

morava em Fortaleza.

“Atualmente o jornal **O Mossoroense** é um grande parceiro na divulgação das notícias policiais, no entanto, mesmo antes de vir morar em Mossoró, há 15 anos, já ficava a par dos noticiários do Rio Grande do Norte, lendo o **O Mossoroense**, que chegava às cidades cearenses”, comentou.

Para o delegado, falar de Mossoró sem associar o município ao jornal **O Mossoroense** é tentar esconder a evolução da História. “No passado o jornal **O Mossoroense** foi marco histórico e no presente é sinônimo de credibilidade, pela forma que tange seu noticiário, não só na área policial, mas em todos os cadernos que são editados e publicados, diariamente”, concluiu.

Hoje a festa é sua

Sendo o nosso compromisso o lazer e a cultura da gente dessa região, não poderíamos esquecer esse evento que é o 143º aniversário do jornal “O Mossoroense”, verdadeiro baluarte da comunicação local. Somente uma imprensa livre, comprometida com o bem-estar do seu público acredita no potencial daqueles que por aqui labutam. Parabéns aos que fazem o “Jornal dos Escóssias”.



GONDIM & GARCIA
PRODUÇÕES

Um jornal à frente do seu tempo

Fundado por Jeremias da Rocha Nogueira, em 17 de outubro de 1872, portanto há 143 anos, o jornal **O Mossoroense** é o terceiro mais antigo em circulação em todo o país. Antes dele, apenas, o Diário de Pernambuco, desde 1825, e o Journal do Comércio, do Rio de Janeiro, em 1827. Essa cronologia já diz muito a respeito do poder de empreender dos mossoroenses, há quase um século e meio. O jornal que traz no nome a identidade de sua terra guarda em suas páginas momentos de todo um povo. A trajetória do **O Mossoroense** se confunde com a nossa própria história.

O outrora semanário de apenas quatro páginas estampou notícias que marcaram Mossoró e o Rio Gran-

de do Norte, reunindo - em todas as épocas - grandes nomes da intelectualidade e do jornalismo do Estado. Compositor de destinos, o tempo fez ver que ideais se renovam e mostrou como **O Mossoroense** se reinventou para vencer os desafios impostos pelas dificuldades econômicas e políticas. Sempre pioneiro, o jornal traz como marca o jornalismo sério, feito de forma ética, consciente de sua função social e comprometido com o leitor.

A fundação do **O Mossoroense** veio apenas 64 anos depois da criação da Imprensa Régia e quase dois meses após a chegada do telégrafo à cidade. Estamos falando do Segundo Império, um tempo relativamente calmo na política nacional - e acirrado em

Mossoró -, uma economia fragilizada pós-Guerra do Paraguai, ideias abolicionistas no ar e muito romantismo na literatura. Localizada entre Natal e Fortaleza, Mossoró era um jovem município de apenas 22 anos de idade e cerca de 3 mil moradores. A estratégica posição geográfica entre Natal e Fortaleza já a colocava como umas das principais cidades do interior nordestino.

Em Mossoró, o acirramento entre liberais e conservadores destoava da "relativa calma" na política nacional. A eleição de 7 de setembro de 1872 foi o estopim da guerra que fez surgir, em 17 de outubro seguinte, o jornal **O Mossoroense**. O pleito era para escolha de vereadores e juizes de paz. Após a vo-

tação, o padre Antonio Joaquim Rodrigues, líder dos conservadores, levou as urnas para serem apuradas no interior da igreja. Capangas armados de porrete e punhal posicionados nas portas do templo impediram a entrada de adversários.

O Mossoroense trazia todas as características da imprensa da época: era político, panfletário, polêmico, desafiador e inquietante. A bandeira defendida - o ideário liberal - sobrepunha em importância a tiragem e a qualidade gráfica. A linha adotada pelo jornal, que tinha também como redatores José Damiano de Souza Mello, um dos chefes liberais, e Ricardo Vieira do Couto, refletia não apenas o pensamento liberal ou as características da época,

era a marca do espírito combativo de Jeremias da Rocha Nogueira. Boa parte dos editoriais publicados na primeira fase do **O Mossoroense**, que se estendeu até 1876, tinha como alvo os conservadores.

O primeiro número do jornal, que tinha em seu frontispício a marca de "Semanário, político, comercial, noticioso e literário", trazia um manifesto em que destacava as bases do seu programa social e se colocava como "o novo Atila (que) entra no mundo jornalístico cheio de temor e com a fraca luz de seu espírito a tomar parte na questão magna que deve decidir os futuros destinos da humanidade".

Participe das grandes lutas de nossa terra, no campo democrá-

tico, na abolição da escravatura, em 1883, são 143 anos de história, uma saga que honra a terra mossoroense, e oferece relevo a tantos quantos fizeram o nosso jornal, do seu fundador Jeremias da Rocha Nogueira, ao histórico Lauro da Escóssia, a Augusto da Escóssia e Lauro da Escóssia Filho, irmão e filho do velho Lauro, ao saudoso e inesquecível Dorian Jorge Freire de Andrade, que tanto brilhou na imprensa nacional, e agora nas mãos jovens e competentes de um intelectual de boa cepa, o jornalista Cid Augusto da Escóssia Rosado. É hora de júbilo, soberanamente, para, juntos, comemorarmos os 143 anos de uma coisa muito nossa, o jornal **O Mossoroense**. Parabéns.

Compromisso com Mossoró e região



Fiéis ao compromisso de servir ao povo de Mossoró e região, "O Mossoroense" merece nosso aplauso em seu aniversário. Mantendo, como nós, uma posição firme de manutenção da palavra empenhada aos compromissos, esse decano jornal é detentor da nossa admiração e de todos os que fazem a FM Costa Branca. Outras jornadas virão, e estaremos sempre juntos.

Cleodon Bezerra

Empresário e presidente do PMDB de Areia Branca

Donos matam jornal e culpam a internet

PARTE I

A facilitação com que dirigentes de jornais concorrem hoje para o fechamento de veículos impressos de informação e a acelerada substituição destes por meios virtuais me impõe diariamente lembrar, até com base em pesquisas estruturadas, feitas lá fora, por quem entende muito mais do assunto, que se rendem muito depressa.

Há poucos dias, um estudo norte-americano mostrou que, depois de muito perder, as vendas de livros de papel voltaram a superar as eletrônicas. No Brasil, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) prega, todo dia, que o sepultamento destes não é um fato inexorável.

Caso jornal fosse um mero pé na cova, um dos maiores milionários da América do Norte, Jeff Bezos, exatamente um dos novos-ricos patrocinados pela revolução da tecnologia da informação, não investiria nesse negócio. Como se viu, o dono da Amazon, um dos emblemas da internet, 19º

na lista de bilionários da revista "Forbes", dos Estados Unidos, tornou-se em 2014 o dono do "Washington Post", aquele jornalão modernizado da capital ianque dos anos setenta cujas reportagens sobre o caso Watergate levaram à renúncia o então presidente Richard Nixon.

Para que os jornais vençam a crise, porém, é necessário que quem investe neles acredite no que faz e imponha eficácia a tais inversões.

Lastimavelmente, o que se vê no Brasil é que muitos veículos se tornaram demasiadamente dependentes do dinheiro governamental e sucumbem porque a crise econômica e outros fatores deram raridade a este insumo. Ao mesmo tempo, seus donos não aprenderam a lidar com o mundo virtual. Na maioria dos casos, induzem investimentos no meio virtual como vampirização da linha tradicional.

Quer ver? Todo veículo impresso que se julga mo-

derno porque aderiu à comunicação "on line" gasta os tubos para afastar de si seus leitores, dizendo-lhes que devem procurá-lo, como portal, na internet, e não mais como produto de indústria gráfica. Esta eutanásia não tem contrapartida: não se vê um portal encher a bola do veículo impresso com o "dinossauro" da velha mídia.

Na melhor das hipóteses, os jornais não estão aprendendo a se armar para a luta contra a perda de seus leitores em função da internet. Exemplo? Lá vai um, dentro da mesma casa: digamos que a TV Cabugi divulgue em seu primeiro telejornal de uma quarta-feira a notícia de que apenas de Alcaçuz foram flagrados quando tentavam fugir através de túnel precariamente cavado com colheres de sopa e em muitos casos ainda de almoço. Na manhã da quinta-feira,

24 horas depois, o matutino impresso "Tribuna do Norte", vinculado à emissora, veiculará com destaque, talvez até como manchete da primeira página, a mesmíssima notícia, sem nada ou quase lhe acrescentar. Veja-se que entre a primeira veiculação, na telinha, e a saída do jornal impresso, diversos blogues acrescentaram um sem-número de informações sobre o episódio, mas o jornalão nem o percebeu, nem se tocou.

Como qualquer produto, jornal deve ser alguma coisa que se faz porque se vende, porque um mercado o merece e quer, e não por ser o que alguém se viu em confectioná-lo. E tem que ser feito com vontade de vencer, o que é difícil num mundo em que jornais se têm acumpliciado com seus algozes desde quando perderam noção de que precisavam exigir a democratização do ensino. Uma população educada teria sido uma população de leitores, não? Na sua maioria,

os jornalões se acumpliciam com as secretarias governamentais de educação para louvá-las pelo farniente disfarçado e esconderesse nada atrás de uma cortina de fumaça..., melhor dizendo, cortina de tinta e papel erigida em desserviço contra a sociedade, a população, a humanidade.

Tanto mais o analfabetismo, inclusive o funcional, se impõe, se alarga e se alastra, como se vê no Brasil, mais os jornais perdem mercado potencial – um mercado que a internet vai buscar, imanta e cativa com entretenimento, prato feito, mensagens mentais, anestesia, embranquecimento cultural, o que seja, menos informação, educação, cultura, instrumentalização para que o cidadão aprenda a tomar as decisões que a vida lhe cobra.

Desde que viraram empresas organizadas, jornais sobreviveram como verdadeiros cartórios de informações, veracidade e credibilidade. De um tempo para cá, perderam o monopólio

e não evoluíram como empresas. Há jornais que há vinte anos são dirigidos por pseudoexecutivos que há muito mais tempo se renderam, achando que esses veículos sucumbiriam forçosamente à internet.

Conheço um dirigente de jornal em Natal que desde os anos oitenta só lhe dedica a fórmula BCH de gestão, cujo sucesso é medido pela multiplicação dos fatores bunda vezes cadeira vezes hora, mero zero à esquerda. Mesmo assim, o controlador do negócio nada faz para substituí-lo por alguém que acredite no jornal e a este agregue valor, fazendo-o crescer em vez de sucumbir. Mantendo-o no cargo, mesmo em função de acordo de acionistas, tudo em família, o dono, o controlador, concorre para a morte do veículo, a ser posteriormente imputada à internet.

Algumas semanas atrás, quando um jornal impresso deixou de circular em Natal e colegas de profissão se deram à pachorra

BEM MAIS DO QUE MEUS 30 ANOS...

Sou um pouco filho de "O Mossoroense".
Fui parido pela oportunidade de engatinhar numa profissão que me arrebatou pelo braço nos anos 80. De corpo e alma.
Lá se vão mais de 30 anos de jornalismo. Bem menos do que seus 143 anos de história emblemática, mas parte dessa trajetória.
Meu agradecimento público à oportunidade que me abriu um admirável mundo novo e me realiza, há quase dez anos, com o www.blogcarlossantos.com.br.
Vida ainda mais longa, O Mossoroense!

CARLOS SANTOS

www.blogcarlossantos.com.br

Donos matam jornal e culpam a internet

PARTE II

de discutir a confissão de que perdera para a internet divulgada pelo seu criador e editor até a última hora, muitos inocentaram a mídia on line e condenaram o declarante, dizendo que havia morto o filho já no nascimento.

De fato, ele havia idealizado e lançado no mercado um filho impresso não para vetorizar a evolução moral e social do mundo em que o inseria. Planejou o jornal para subordiná-lo a interesses pessoais, políticos e pecuniários de amigos circunstancialmente bem postados nos escaninhos do poder.

Na medida em que a vasalagem do jornal esgotava a própria capacidade de fingir que era útil a um desses caudilhos tupiniquins, o veículo perdia apoio financeiro e doía cada vez mais no bolso do criador. Em vez de lançar um jornal para servir à população, ele havia criado um serviço de boçais e chefetes que pornotarem sua subserviência nem mais se preocupavam

como ajudar a mantê-lo.

Muitas vezes, o jornal é o próprio blefe de que se envergonha o dono. No caso de um periódico fechado recentemente, seu controlador tinha certeza de que o jornal não enriquecia moralmente nenhum currículo, e o demonstrava. Ele nunca aceitou submeter o jornal ao sistema de aferição de circulação, empurrando faturas com base nas tiragens que só ele citava, sem que ninguém a comprovasse.

No caso também se avultou o agravante imposto pela tibieza do dono, que evitava atrair os melhores profissionais para perto de si e teimava em fazer pessoalmente os serviços de diversos colaboradores, economizando salários e sufocando o periódico com situações vexatórias e retrógradas. Era o caso de editar pessoalmente a primeira página ditando seus textos e títulos das chamadas para páginas internas. Anacronicamente, embora só andasse com um notebook e reco-

nhecidamente escrevesse bem, falava palavra por palavra ao digitalizador, aí também diagramador "web design", como o grande Elóy de Souza podia se permitir nos tempos anteriores à disseminação da máquina de escrever em redações, transmitindo oralmente o verbo a seus secretários.

Para piorar, depreciava seu produto escolhendo escolhos, as piores eleições possíveis. A jornalista, preferia colaboradores que escrevessem em faturas. Na medida em que demitia um jornalista destituído de qualquer atitude suspeita quanto a faturamentos, substituiu-os por propagandistas escrivinhadores que não acrescentavam ao jornal pelo fato de confessadamente não gostarem do produto, a despeito de a estes se agarrarem com unhas e dentes para garantir faturamento no velho esquema de "pequenas notícias grandes negócios espúreos". Obtusamente, achava um sucesso o jornal servir de plataforma de lan-

camento de blogues que sem este apoio jamais se transformariam no sucesso de faturamento que os tentam.

Meses depois do fechamento do periódico, um desses pragmáticos integrantes de sua tilintadora redação escreveu no blog que empinara graças ao veículo impresso que jornal não passa de "penico de cachorro".

Meses antes deste assassinato de jornal, executivos de outra empresa editora de Natal vivenciaram inocuamente uma inesquecível oportunidade de constatar, na condição de protagonistas, como os dirigentes matam seus periódicos para na undécima hora culparem pela morte anunciada a internet.

Numa reunião de onerosos administradores alçados a este patamar por filhismo vicioso, fatal na iniciativa privada, o gerente de circulação da casa apresentou um dossiê sobre a perda de espaço e venda do periódico e aparente-

mente conquistou a aprovação dos diretores ao elencar medidas que poderiam esquentar o produto e torná-lo mais atraente. Voltou-se para o que seria um diretor de redação e, esgrimindo os números da queda, pediu sua ajuda para melhorar as vendas. O jornalista redarguiu sem humildade alguma diante dos fatos, mostrando-se chateado com aquela conversa, porque, como disse, as quedas nas vendas do periódico não eram algo a preocupá-lo. Ainda tascou que seu negócio seria fazer jornal, como se editasse.

Se tem que tentar sobreviver à concorrência da internet, porque os jornais deixaram de basear a maioria das informações que veiculam nos apanhados de repórteres que mantêm nas ruas, preferindo chuparnos monitores da redação o que está saindo nos portais, blogues e sites? As pessoas que as leram nesses veículos nem mais sentem vontade de esperar com a ansiedade de antigamente o con-

tato com o impresso da manhã seguinte.

Desnecessário é dizer que nesse tipo de empreendimento o trabalho na base do BCH vai das 8 às 17 horas, como em qualquer repartição, sem nem de longe lembrar os tempos em que, sem ser empresa, jornal aceitava notícia nova até pouquíssimo tempo antes de zoar nas impressoras. Nem sabem mais o que é plantão. Procure transmitir ao melhor jornal de Natal, qualquer que a seu ver mereça o título, às 20 horas, uma notícia bomba, um "furo" que venderia muito e com garantias não chegaria ao conhecimento de outro veículo antes do almoço do dia seguinte. Se ele acolher eu me dane! Pior, ainda: se você encontrar na redação um interlocutor que seja, eu já estarei morto.

Essas considerações me forçam a ver que jornal foi mais jornal quando a tecnologia, pela ausência, aparentemente o inibia, dificultava seu crescimento.

Jornal
O MOSSOROENSE
143 anos
O 3º mais antigo da América Latina

O Athenas Motel saúda a folha centenária

ATHENAS MOTEL
O DESTINO DE QUEM AMA
BR 304 - KM 39 - MOSSORÓ-RN - FONE: (84) 3316-4989

Donos matam jornal e culpam a internet

PARTE III

Quão difícil era reportar na rua, dirigir-se à redação em transportes precários, escrever no téc-téc barulhento das Olivetti e depois ver o texto ser triturado por um reescrevedor, o copydesc, para melhorar sua qualidade e tornar-se não apenas mais legível, mas principalmente mais capaz de singularmente prender a atenção do leitor. Vencido esse estágio, o texto ainda precisava ser casado a uma boa imagem e pousar na página graças à competência de um diagramador, descer às máquinas de composição, desafiar os revisores e finalmente chegar ao "past up", que o encaminharia à impressão com passagem e "pit stop" na fotolitografia. Vou ainda mais atrás, vendo o inesquecível operário gráfico que conhecíamos como "Zé Neguinho", compondo em chumbos textos oriundos da redação enquanto lhes criticava falha a falha.

Na época em que empresas jornalísticas investiam mais no capital humano era muito mais difícil, e no entanto fazia-se jornal melhor do que hoje, quando temos

por aí muitas obras primas de Nelson Rodrigues, todas "Bonitinhas, porém ordinárias", oferecendo o pescoço à guilhotina virtual.

Jornal artesanal consumia a alma de quem o fazia, mas apaixonava quem o fazia. Dava até bem mais chance à dignidade de quem o fazia. Lembro-me, a propósito, de dois dirigentes de jornais potiguares que emblematicavam esse protagonismo.

Um dia, o legendário jornalista Luiz Maria Alves resolveu que não mais deveria fingir que não via o Governador de plantão tentar dobrar a mídia com a manipulação de verbas de propaganda. Juntos os livros contábeis e os balanços semestrais e anuais da editora do seu "Diário de Natal", outra sucumbência imposta pela incompetência dos sucessores de Alves, nunca pela concorrência ou pela invasão do mercado pela internet, e subiu com o calhamaço as escadas do Palácio Potengi. Recebido pelo Governador, não contou conversa: abriu os livros, mostrou os resultados

com a rapidez que planejava e, quando o interlocutor levantou o rosto, dirigindo-lhe um olhar de quem não entendia do que se tratava, bradou ríspida, asperamente seu repto, proclamando que seu periódico não dependia do erário público e continuaria independente em relação ao governo estadual.

A outra lembrança é de uma noite erma, muito distante dos dias atuais, quando mantive meu primeiro contato físico com "O Mossoroense" periódico ao qual emprestaria anos depois e por uma época inesquecível uma parte de minha capacidade produtiva. Foi uma semana de 1971 ou 1972 em que estive fraternalmente sequestrado pelo inesquecível amigo Vingt Rosado, o deputado federal que se orgulhava de ser parlamentar de Mossoró no Congresso Nacional, agindo sempre como um político de elevadíssimo espírito público.

Levando-me de Natal ao seu país de Mossoró no Corcel verde dirigido por seu fiel motorista de então,

"Senhor", Vingt me levou a todas as fontes de seu amor pela cidade, das moageiras de sal e gesso à ACDP, passando pelo Bar Ipê e pelo Canto do Rosado de tantas lembranças do legendário governador Dix-sept Rosado, o irmão ao qual tinha se devotado sublime e plenamente.

Numa madrugada, quando rodávamos pela cidade, Vingt parou o carro diante de uma porta iluminada de dentro para fora diante da qual uma figura larga de bonachão acabara de se destacar, vindo eu não sabia de onde e sentando-se como quem selar a uma cadeira na calçada. Descemos e o deputado foi logo me apresentando àquele homem notável que não tinha hora para fazer de seu jornal uma fabulosa trincheira de luta a serviço de Mossoró. Foi assim que comecei a aprender um bocado com Lauro da Escóssia, a quem Mossoró e sua imprensa devem muito mais do que calculam.

Integral e teimosamente devotada ao que ele fa-

zia com imenso, inestimável amor, a vida de Lauro era 100% esse mesmo jornal "O Mossoroense" que hoje se impõe como um dos mais longevos diários da América Latina. Sei que ele é bem gerenciado e editado hoje em dia, mas nem imagino se haveria jornal para administrar e produzir agora se ao longo do tempo, desde sua fundação por Jeremias da Rocha Noqueira, "O Mossoroense" fosse entregue às mentes burocráticas que hoje despidam muitos jornais por aí afora, se fosse feito menos por amor à causa do que pela obrigação BCH que impera no falecimento dos periódicos de aí afora.

Quando vejo "O Globo" demitir quatrocentas pessoas de seu corpo editorial, lembro-me logo de que o periódico é dirigido pelos netos do homem que o criou e filhos daquele que o fez crescer, respectivamente Irineu e Roberto Marinho, e recorro que a audiência do carro-chefe do grupo, a Rede Globo, caiu drasticamente desde que o mando

sobre as empresas caiu no colo desses herdeiros. Difícilmente pelas mãos de um Irineu ou de um Roberto Marinho "O Globo" chegaria a essa beira de precipício.

Isto é ponta de "iceberg" a demonstrar que foram herdeiros, e não os forjadores dos grandes títulos da imprensa, dos Dantas e Dunchee de Abranches ao conde Pereira Carneiro, no Rio de Janeiro, F. Pessoa de Queiroz, em Recife, e Paulo Saraste, do Jaguaribe a Fortaleza, os condutores de veículos rumo ao fim ou pelo menos à perda de liderança. Nenhum desses jornais morreria pelas mãos pioneiras e teimosas de gente como Aluizio Alves, Jeremias, Lauro velho da Escóssia, homens que sabiam remar contra a maré do derrotismo imposto hoje pelos donos aos periódicos que ainda respiram. Pilotos de maravilhosa perseverança, para não dizer teimosia, amavam jornais e tudo faziam para que estes não morressem.

Santa teimosia a desses homens!

Na luta, sempre!

O SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE MOSSORÓ E REGIÃO, na luta em favor dos interesses dos bancários de Mossoró e Região desde 1957, não poderia ficar de fora e deixar de homenagear o vigoroso Jornal "O Mossoroense", de ferrenha tradição de lutas e glórias em defesa das liberdades, durante os seus 143 anos de existência. PARABÉNS a todos os que fazem essa coluna forte da comunicação no Estado e no País, como sendo o 3º Jornal mais antigo da nação brasileira.



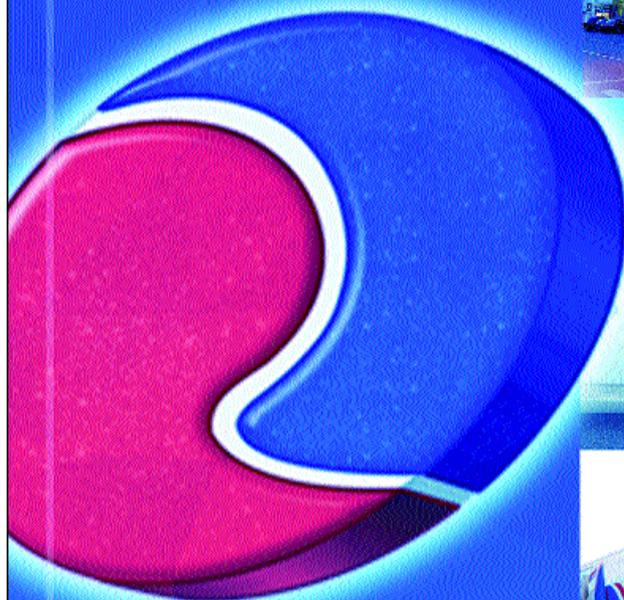
SINDICATO DOS
BANCÁRIOS
MOSSORÓ E REGIÃO



Jornal O Mossoroense

*Um orgulho para os
cidadãos mossoroenses.*

*Um jornal que
atravessa décadas contando a
história de nossa cidade,
do Brasil e do mundo.*



143 Anos

*O terceiro jornal mais antigo
em atividade
da América Latina.*

*O Reboúças Supermercados
tem orgulho em
fazer parte dessa história.*



O Mossoroense: um jornal que dá a cara a bater

Em tempos de crise nas empresas de comunicação Brasil a fora, comemorar 143 anos de existência é um feito que faz jus à valente trajetória do **O Mossoroense**, terceiro mais antigo jornal em circulação do país. Não há como querer contar a história da imprensa potiguar sem falar deste combativo e polêmico periódico, fundado por Jeremias da Rocha Nogueira, em 17 de outubro de 1872, no meio de um caloroso embate político. Uma história que há tempos merece ser detalhada em livro próprio.

Pela redação do O

Mossoroense passaram alguns dos principais nomes do jornalismo local e potiguar, com destaque para Dorian Jorge Freire, profissional com carreira de destaque no Última Hora, de Samuel Wainer, que comandou com mestria e firmeza a editoria do jornal em períodos difíceis. Aos novos jornalistas faz-se mais que obrigatório conhecer esta história. Não apenas pelo viés documental, mas para entender um pouco o desenvolvimento da sociedade mossoroense.

Num período em que a liberdade de imprensa é ameaça-

da em diversas partes do mundo, inclusive aqui, e que tentamos colocar em pauta um processo de democratização dos meios de comunicação, torcer pela resistência e abertura de mais veículos é uma missão de todo e qualquer profissional da área. Não simplesmente (mas também) por uma questão mercadológica, em que o foco está na manutenção de postos de trabalho, mas fundamentalmente pela ampliação de espaços democráticos para a disseminação da informação pública e de qualidade.

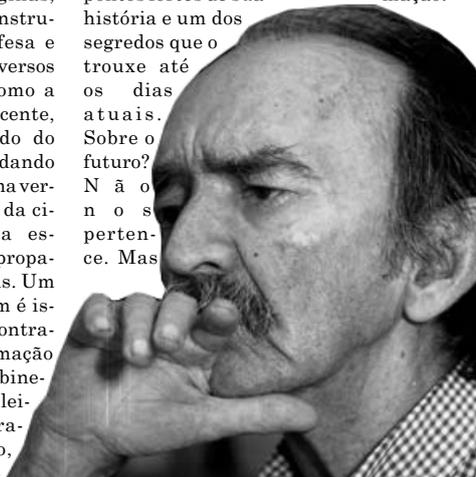
Em seu longo per-

curso, o jornal de Jeremias da Rocha sempre deu a cara a bater, gostassem ou não. Assumia posição e defendia seus ideais, fazendo de suas páginas, também, um instrumento de defesa e ataque. Em diversos momentos, como a época mais recente, esteve do lado do contrapoder, dando aos leitores uma versão diferente da cidade daquela estampada nas propagandas oficiais. Um jornal também é isso: andar na contramão da informação oficial e de gabinete e trazer ao leitor um panorama detalhado, e bem apura-

do, do assunto em questão. Sempre visando o bem informar do povo.

Na postura combativa do jornal talvez esteja um dos pontos fortes de sua história e um dos segredos que o trouxe até os dias atuais. Sobre o futuro? Não o sei pertence. Mas

o desejo é de ver esta história mantida, reformada e prolongada, dando a Mossoró, sempre, mais um canal forte e democrático de informação.



Jornalista Dorian Jorge Freire



Povo de Mossoró

Não poderíamos deixar de registrar os 143 anos do 3º jornal mais antigo do Brasil, ao mesmo tempo em que me congratulo, em meu nome e dos meus eleitores, pelo aniversário dessa bandeira de liberdade e de amor às tradições democráticas. Parabéns a todos os que fazem "O Mossoroense", nas pessoas dos seus dirigentes e funcionários, e que continuem na luta pela boa informação.

Celso Lanche
Vereador

Um baluarte em defesa de Mossoró

A Prefeitura Municipal de Almino Afonso não poderia ficar de fora das comemorações dos 143 anos do “O Mossoroense”, o 3º jornal em circulação mais antigo no país, e em razão desse fato, sentir-se prestigiada pelo espaço e oportunidade da justa homenagem.

Por isso mesmo os nossos mais efusivos parabéns, em nome do povo afonsense, a todos os que fazem “O jornal dos Escóssias”, enfatizando sua luta pela região, o que o leva a ser um baluarte em defesa de todos que por aqui habitam.



PREFEITURA MUNICIPAL DE ALMINO AFONSO

A EVOLUÇÃO E a evolução estampadas em cada NOTÍCIA.

Em 143 anos, o jornal O Mossoroense evoluiu constantemente e acompanha a época. Ao longo dos 143 anos, O Mossoroense se atualizou e se modernizou, sempre visando a uma boa leitura e a melhor qualidade de informação, sempre com o compromisso de ser o primeiro a trazer notícias e informações de qualidade.

Publicado em 17 de outubro de 2015 às 10h00.



Não parem as máquinas!

Parem as máquinas!!! Era fim de tarde, quase noite, e a então editora-geral desta folha diária invadia a redação eufórica. "Aff sonhava em um dia poder dizer isso". Não lembro o episódio ao certo, a sobrecarga de informações consome parte da memória com a eficiência de um alzheimer em estágio terminal, mas deveria ser um dos infinitos casos de cassações de prefeito em Mossoró que em menos de um ano superou uma dezena. O episódio que deu origem ao jargão, que vez por outra, circula nas redações de jornais

impressos, teve origem na manhã de 9 de janeiro do longínquo ano de 1858, quando os diários cariocas *Jornal do Comércio*, *Correio Mercantil* e *Diário do Rio de Janeiro* não circularam. Os 80 compositores tipográficos que atuavam nos jornais da Corte amanheceram de braços cruzados. Algo inédito para a época: uma greve de trabalhadores livres e assalariados era algo inimaginável num país ainda escravagista como o Brasil. E justamente por ser inédito, as autoridades não sabiam reagir. Quanta audácia. Num ce-

nário de rebelião, os trabalhadores puseram em circulação, em vez dos jornais que deviam compor, o diário *Jornal dos Tipógrafos*, que mostrava condições de trabalho, que consideravam muito semelhantes à dos escravos, apregoando a necessidade de renegar "a falsa crença da obediência e dedicação a seus pretendidos senhores". Abusos em excesso. No último mês sai em férias para recuperar as energias consumidas nos árduos dias de labuta. Em Salvador, e no Rio de Janeiro, tive a curiosidade de verificar co-

mo os veículos impressos estão "se virando" para superar a crise e sobreviverem a um cenário que passa por instabilidade econômica e ajustes naturais impostos pelos avanços tecnológicos. Em Salvador, ao invés de reduzir a tiragem, um jornal impresso local aumentou sua circulação. As edições distribuídas gratuitamente despertaram a atenção do mercado publicitário que volta a direcionar suas atenções para uma mídia com credibilidade e boa entrada em vários segmentos da sociedade, de custo razoa-

velmente baixo. No Rio, o melhor exemplo vem do *Jornal Extra*. Espalhados em meio as notícias, cupons promocionais patrocinados por vários segmentos comerciais tem atraído um novo fluxo de publicidades e leitores. Por que não unir o útil ao agradável? Por que não juntar a fome com a vontade de comer? Mas veio da *Revista Playboy* o exemplo mais impactante. Após mais de 50 de circulação, o periódico anunciou que deixará de veicular fotos de mulheres nuas em suas edições. Mas como? O veículo que

mantém império há cinco décadas pausado na venda da nudez feminina vai deixar seu principal produto de lado? O principal produto da *Revista Playboy* deixou de ser a imagem feminina há muitos anos. O principal produto da *Playboy* é sua marca. E é com ela que a revista terá continuidade, aliando conteúdo e qualidade. Após 143 anos, vivemos um período de adaptações. Esta é a essência. O mundo do imediatismo exacerbado continua a ter espaço e oportunidades para todos. Não parem as máquinas!

143 anos contando a história da nossa região

A COOPERFRUT, Cooperativa de Frutas da região, que sabe realçar e divulgar o sabor das frutas regionais, fica ao lado deste importante órgão de comunicação que também realça os fatos e notícias locais, levando informação, entretenimento, cultura e lazer a nossa gente. Nossos sinceros parabéns àquele que é o 3º jornal mais antigo deste país.



UM PRODUTO





Empenho e luta democrática

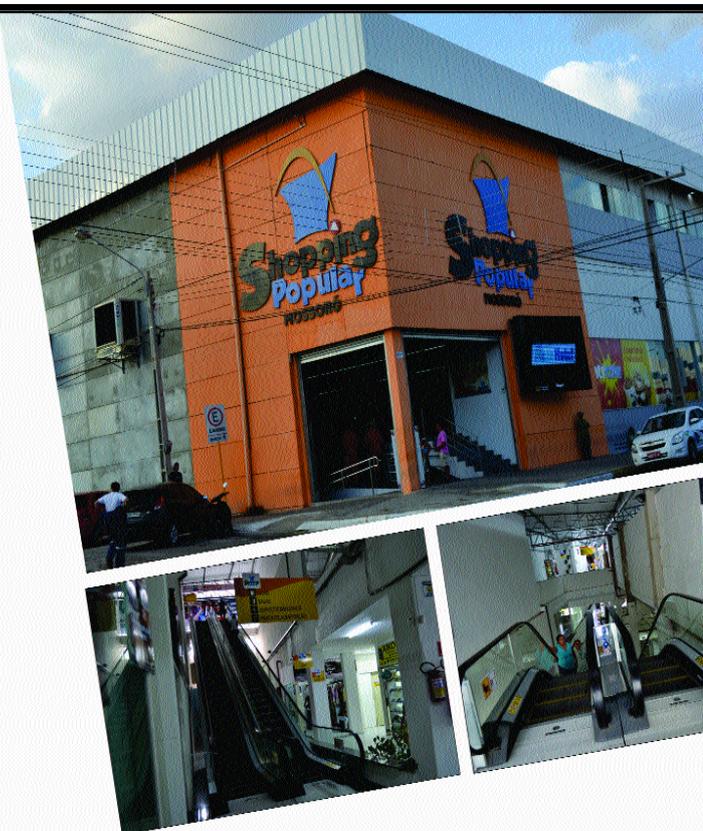
O sentimento é de gratidão, o que me leva, em nome do povo de Mossoró, a agradecer o empenho e a luta democrática que o jornal O Mossoroense vem travando ao longo dos seus 143 anos de existência contra qualquer que se insurja contra a nossa liberdade. Nosso grito não está sozinho, mas amparado pela força do 3º jornal mais antigo do país, que, por isso mesmo, apresenta-se destemido e em defesa dos interesses sociais.

ALEX DO FRANGO

Vereador

Trabalhando para o progresso da região

O novo braço do Grupo Porcino Costa, o Shopping Popular, sente-se honrado em participar das justas e merecidas homenagens ao veículo de comunicação "O Mossoroense", pelos seus 143 anos de história e serviços prestados à cidade de Mossoró e ao Estado do Rio Grande do Norte. É essa confiança que o Grupo Porcino tem no povo, igualmente como sente pelo jornal, que fortalece as nossas convicções de intenso trabalho para o progresso da região. Assim expressamos os nossos mais profundos votos de parabéns e felicidades.



O ponte certo para o seu comércio

O Diário da Cidade

A história do jornal "O Mossoroense" coincide com a própria história da imprensa local, já que esta começa oficialmente em 17 de outubro de 1872, quando o jornalista Jeremias da Rocha Nogueira, seu fundador, fez circular o primeiro número do que passou a ser conhecido como "o diário da cidade".

No início tinha como pretensão ser uma folha política de apoio ao Partido Liberal. Além de proprietário, Jeremias da Rocha era também o redator do jornal e contava com a colaboração do português José Damiano de Souza Melo e Ricardo Vieira do Couto. Na sua primeira fase, "O Mossoroense" era um jornal de escritos violentos e como órgão do Partido Liberal fazia oposi-

ção direta ao vigário Antônio Joaquim Rodrigues, líder do Partido Conservador. Sob a direção de Jeremias da Rocha, o jornal funcionou até 1878, quando fechou suas portas pela primeira vez.

Em 12 de junho de 1902 reapareceu "O Mossoroense", sob a direção de João da Escóssia Nogueira, seu novo proprietário e xilógrafo, que tinha como redatores Antônio Gomes de Arruda Barreto e Alfredo de Souza Melo. No número de estreia, o jornal apresentou uma alegoria em homenagem a Frei Miguelinho, em trabalho de xilogravura que ocupou toda a primeira página. Sob a direção de João da Escóssia, o jornal circulou até 1917. Em 1919 morreu João da

Escóssia Nogueira. O jornal, no entanto, continuou a circular sob novas direções: Almeida Castro o dirigiu de 1917 até 1921; Rafael Fernandes de 1922 até 1930; Augusto da Escóssia o dirigiu durante o restante do ano de 1930, quando sofreu nova paralisação.

Em 7 de setembro de 1946 ressurgiu "O Mossoroense" em sua terceira fase, sob a direção do Prof^o Lauro da Escóssia, que tinha como redatores Jorge Freire de Andrade, Vingt-un Rosado e José Augusto Rodrigues. Era a nata das letras mossoroenses que escrevia para o semanário que circulava aos domingos.

Em 1965 o jornal "O Mossoroense" sofreu nova interrupção, reapare-

cendo em 1970, ainda sob a direção do Prof^o Lauro da Escóssia, circulando até 1975.

Em 5 de agosto de 1975 o jornal foi vendido pela família Escóssia, que tinha o seu controle desde 1872. A partir daí, o jornal passou a pertencer a família Rosado, sob a direção de Dorian Jorge Freire. Seu editor-geral passou a ser Luis Fausto Medeiros Freire de Andrade e os principais redatores foram Jaime Hipólito Dantas, Rafael Negreiros, Lauro da Escóssia, Vingt-un Rosado, Manoel Leonardo Nogueira e Jorge Freire Neto. De 1981 até 1983, quando mais uma vez suas portas foram fechadas, o jornal esteve sob a direção de João Newton da Escóssia, bisneto de Jeremias da

Nogueira.

Em 1985 ressurgiu mais uma vez o jornal "O Mossoroense"; e veio pra ficar. Em sua longa existência, "O Mossoroense" é, em termo de antiguidade, o primeiro do Estado, o terceiro do Brasil e o quarto da América Latina, ainda em circulação. Em suas velhas folhas, Mossoró recorda sua história. O seu arquivo é, sem dúvida, o maior acervo cultural e a mais importante fonte de pesquisa histórica de Mossoró. Esse precioso acervo histórico encontra-se no Museu Histórico Lauro da Escóssia, que tem desde fragmentos do primeiro número até os mais recentes.

E aqui cabe um reconhecimento a Maria Lúcia Escóssia de Castro, bisneta de Jeremias da

Rocha Nogueira, que por muitos anos foi a guardião e organizadora dessa coleção.

Diariamente o Museu Lauro da Escóssia recebe visitas de estudantes e pesquisadores em busca de informações sobre o passado de Mossoró e é nas folhas do jornal "O Mossoroense" que essas informações são encontradas. Raríssimas são as teses de mestrado e doutorado das Universidades de Mossoró que não citam em suas fontes de informações o nome desse jornal. E para nós, pesquisadores da história da cidade, a coleção do "O Mossoroense" é como uma bíblia, fonte de todas as respostas.

Parabéns, Mossoró, por poder contar com esse jornal há 143 anos.

Pioneirismo e compromisso com o leitor

Com 143 anos, O Mossoroense é o jornal mais antigo do Rio Grande do Norte e o terceiro mais antigo do Brasil, em circulação. Além do pioneirismo, do compromisso com o leitor, da preocupação em repassar informação com qualidade e independência, o jornal leva consigo a principal marca dos mossoroenses: a resistência. É essa força e coragem que faz o velho de guerra se manter vivo ao longo de quase um século e meio, e ainda cheio de disposição para desbravar novos horizontes. A todos os que fazem o jornal, nossos mais sinceros parabéns!

GENIVAN VALE
Vereador





COM A
INDÚSTRIA
ONDE A
INDÚSTRIA
ESTIVER

O MAIOR PROJETO DO SISTEMA FIERN É O RIO GRANDE DO NORTE.

FIERN

Ação e mobilização para a indústria potiguar

540 empresas atendidas em orientação ao crédito

61 sondagens e estudos, além do plano Mais RN

692 indústrias associadas

SENAI-RN

Referência nacional na formação para a indústria

110 mil matrículas em educação profissional

R\$ 61 milhões em educação profissional e tecnológica

R\$ 30 milhões em cursos gratuitos

SESI-RN

Qualidade de vida para o trabalhador e comunidade

127 mil atendimentos em SST

296 mil atendimentos em ações de saúde

51 mil matrículas em educação básica

IEL-RN

A indústria unida aos centros de conhecimento

6300 alunos em estágios

1100 matrículas em cursos

56 consultorias em desenvolvimento setorial e inovação

O Sistema FIERN realiza ações em educação, tecnologia, saúde e segurança do trabalho. Suas quatro instituições - **FIERN, SESI, SENAI** e **IEL** - têm grande importância e relevância para o desenvolvimento da indústria e da economia potiguar.

A capacitação de trabalhadores, a profissionalização e a inovação promovem a evolução do setor. Atividades inclusivas e integradoras também contemplam toda a comunidade. Programas como o **Mais RN**, que projeta perspectivas para os próximos 20 anos, vão além nas iniciativas sociais, enfatizando a preocupação com um presente sólido e um futuro com prosperidade para o nosso estado.

Esse trabalho não pode parar. A atuação do Sistema FIERN é fruto de investimento privado, executado com seriedade, responsabilidade e reconhecido pela população. Uma força que pode fazer ainda muito mais pelo RN e pelo Brasil.



www.fiern.org.br